



FMUC FACULDADE DE MEDICINA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Marta Alexandra Calhegas Marques dos Santos Azevedo

Mestrado em Medicina Legal e Ciências Forenses

O IMPACTO DO TERRORISMO: EFEITOS DA EXPOSIÇÃO INDIRETA EM  
MENORES DO ENSINO BÁSICO

2017|Coimbra



Dissertação de Mestrado apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Medicina Legal e Ciências Forenses, sob a orientação do Professor Doutor Duarte Nuno Vieira e da Mestre Fátima Almeida, apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

## Agradecimentos

Quando iniciamos a nossa caminhada pela vida, muitas das vezes, não sabemos para o que vamos. Muitas vezes não vemos a luz ao fundo do túnel e, caminhamos de olhos vendados por uma estrada que pode, a qualquer momento terminar. Crescemos fazendo maioritariamente as escolhas erradas, perdendo-nos nas nossas confusões internas e, lutando para encontrar o caminho certo. Os pais, têm a missão de nos guiar, têm o nosso caminho nas mãos, podendo deixar-nos crescer e desenvolver as asas mágicas ou, podendo-nos fazer crescer tendo medo de sair do ninho. Eu, tive a sorte de ter uns pais que me ensinaram tudo, o que preciso, para ser a pessoa que sei que quero ser. Deixaram-me voar mesmo sabendo que iam sofrer, mesmo que por cada queda que eu desse, lhes arrancassem um bocadinho do coração. Agradecer-lhes por o apoio que me deram durante o período do mestrado, era ser ingrata para com dois seres humanos que me deram aquilo que não tinham para fazer de mim o que sou hoje. Quero agradecer-vos tudo, “tudo” e “nada”, porque o “nada”, por vezes ensina mais do que o “tudo”. Quero agradecer-vos por acreditarem em mim quando ninguém acreditava.

Por as noites em que eu adormecia ao computador e, tinha um ser ao meu lado, com quase o triplo da minha idade, a puxar por mim, que me fazia trabalhar quando eu já achava que não era possível. Que nunca, em nenhum momento desistiu de mim. Á senhora minha Mãe.

Por todos os momentos em que, mesmo sem saber o que é que significa “antropologia”, me defendia. Por todos os momentos em que me apoiava quando lhe dizia que queria estudar até aos 35 anos. Por todos aqueles momentos que estávamos à mesa onde, eu começava a contar as coisas que tinha aprendido nas aulas e, ele aguentava sem comer, ouvia-me até eu me calar. No fim, ficava sem fome, mas continuava a tentar com que eu não percebesse. Ao senhor meu Pai.

Felizmente, nós na vida temos sempre mais do que uma família. A de sangue e a que temos o privilégio de escolher. Eu, estou grata, do fundo do meu coração, por vos ter. Aos meus amigos, o meu obrigada pela paciência, por aguentarem os meus períodos de ausência, a minha indisponibilidade e, o meu mau humor. Obrigada por me fazerem crescer e, por me dizerem a verdade sempre.

Tenho dois agradecimentos muito especiais a fazer.

Á melhor amiga que eu alguma vez tive na vida. Á pessoa que faz tudo por mim como se fosse minha irmã, como se isso fosse até obrigação, quando nunca o foi. Á pessoa que chegou e disse: “eu não vou sair mais da tua vida”. Á pessoa que me fez acreditar que entre 0 e 1, existem uma infinidade de números. Obrigada Cheila.

À pessoa que me ensinou e me mostrou que crescer era péssimo, fazendo-me acreditar no Peter Pan. À pessoa que me mostrou que viver no mundo do Harry Potter era, bem melhor do que viver no nosso mundo, porque o mundo sem magia não tinha cor. À pessoa que me mostrou que a magia está em tudo o que nos faz feliz. Que me fez transportar todas as coisas boas da infância e, que todos os dias me faz ser mais cor de rosa do que já sou. Obrigada por tudo Filipa.

Por último, aos meus orientadores. À Doutora Fátima Almeida, pois foi a única que me deu a mão quando eu mais precisei. Que me ajudou, me orientou, que me fez ver. Sim, fez-me acreditar que ver é bem diferente de olhar. Quero agradecer pela disponibilidade e compressão demonstradas e, pelo apoio que me deu até ao fim do trabalho. Por todas as horas de acompanhamento e, por todo o conhecimento que me transmitiu. Ao Professor Doutor Duarte Nuno Vieira por a disponibilidade que sempre demonstrou e, por o conhecimento infinito que transmite numa simples conversa.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	9
1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO.....	11
2. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL DO TERRORISMO.....	15
2.1. Tipos de terrorismo .....	18
2.2. Organizações terroristas .....	20
2.3. Assunções sobre o terrorismo.....	23
2.4. Índice global de terrorismo 2016 .....	25
3. ENQUADRAMENTO LEGAL PORTUGUÊS DO TERRORISMO .....	27
4. O TERRORISMO DO PONTO DE VISTA DAS VÍTIMAS: IMPACTO E CONSEQUÊNCIAS.....	31
4.1. As vítimas primárias e as vítimas secundárias .....	31
4.2. Efeitos dos atos terroristas nas vítimas .....	32
4.3. O medo do crime.....	34
5. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA – Da escolha à pertinência.....	35
6. OBJETIVOS .....	36
7. METODOLOGIA.....	38
7.1. Questionários .....	38
7.2. Trabalho etnográfico.....	38
8. PROCEDIMENTOS .....	41
8.1 Questionários:.....	41
8.2 Trabalho etnográfico método indireto .....	42
As variáveis relativas aos dados demográficos (das potenciais vítimas secundárias) incluíram o local de residência e, referência a alguns comentários e comportamentos que sejam relevantes para o estudo. ....	42
9. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	42
9.1 Questionários .....	42
9.2 Trabalho etnográfico.....	43
10. RESULTADOS .....	44
11. DISCUSSÃO .....	49
12. CONCLUSÃO .....	50
12.1. Utilidade, potencialidades e vantagens do estudo .....	52
12.2. Limitações do estudo e dos resultados obtidos.....	53



12.3. Sugestões e futuras investigações .....	53
13. BIBLIOGRAFIA .....	55



## O IMPACTO DO TERRORISMO: EFEITOS DA EXPOSIÇÃO INDIRETA EM MENORES DO ENSINO BÁSICO

**Resumo.** O tema do terrorismo foi o escolhido para ser abordado nesta dissertação pois o seu carácter alarmante e emergente tem-se feito verificar diariamente e, é um tema cada vez mais abordado pelas ciências sociais. Tentar compreender o terrorismo bem como quem são os principais terroristas é fundamental, mas é tão necessário compreender a atualidade como compreender o passado. Este passado é a base das motivações para, cada vez mais, o terrorismo ser utilizado e, para haver cada vez mais pessoas a acreditarem nele. O principal objetivo foi estudar o terrorismo e, posteriormente foi compreender como isto afeta a população jovem do nosso país. Tendo efetuado um estudo etnográfico com base na análise comportamental dos jovens e das suas famílias em ambientes de grande movimentação populacional ao longo do país e questionários anónimos a 240 jovens de todo o país.

**Palavras-chave:** Terrorismo; Ataques; Terrorista; Medo.

## THE IMPACT OF TERRORISM: EFFECTS OF INDIRECT EXPOSURE ON MINORS IN PRIMARY EDUCATION

**Abstract:** Terrorism is now part of our daily lives and it is a reality that we already have to deal with. Due to their unstable character and the lack of control we have about the possible attacks, some issues arise concerning the routine of families as well as the increase of worries around loved ones. The fact that in Portugal there has never been an attack does not make us just mere spectators, since there is a categorization of indirect victims if there is any kind of alteration due to the fear and the repercussions that are felt. What I set out to study was whether these changes are significant or not, and whether they are already aware for young people who have not been directly victims of an attack.

**Keywords:** Terrorism; Attacks; Terrorist; Fear.



## INTRODUÇÃO

O terrorismo é um tema cada vez mais presente no nosso quotidiano e desse modo passou a ser um tema de interesse para todos aqueles que estudam ciências sociais. Devido à complexidade das temáticas envolvidas, foi necessário recorrer a uma abordagem multidisciplinar onde são abordados temas relativos à psicologia clínica, psicologia criminal, advocacia e a antropologia social e cultural. Este tipo de abordagem é cada vez mais comum, pois quanto mais completos forem os conhecimentos envolvidos, mais simples é conseguir obter resultados positivos.

Os principais objetivos deste estudo passaram por categorizar, contextualizar e contar a história do terrorismo. Explicar como se iniciou, como progrediu e como se manifesta atualmente. Os objetivos passaram também por tentar definir o conceito de terrorismo com base nas várias definições que existem, tentando encontrar pontos em comum entre elas. Posteriormente realizou-se um enquadramento legal, porque é necessário entender o que está escrito na nossa constituição bem como, as penas que estão em vigor para a prática destes crimes. Foi necessário tentar desmistificar algumas crenças existentes em torno deste tema e compreender a importância da realização de estudos científicos na área do terrorismo tentando arranjar armas para combater estes crimes. Foi importante também tentar estudar os contributos das várias teorias existentes para compreender este tema. Ao longo deste estudo entendeu-se que era muito difícil a criação de um único modelo explicativo do terrorismo e, foi um dos principais objetivos perceber o porquê de surgir assim tanta dificuldade. Foi importante tentar definir o terrorismo do ponto de vista das vítimas e, realizar a distinção de vítimas primárias e vítimas secundárias. Através de questionários anónimos e de trabalho etnográfico (método indireto) tentamos conhecer os efeitos dos atos terroristas nas vítimas secundárias, e discutir estratégias de prevenção que podem ser implementadas com adolescentes expostos secundariamente ao terrorismo.

Por último, pretendemos verificar se ocorrem alterações visíveis nas vidas dos nossos jovens nos dias após a ocorrência de atentados na Europa. Queremos averiguar se é possível afirmar se são ou não, vitimas indiretas dos ataques.

Analisei todo o tipo de literatura disponível bem como, os poucos artigos escritos sobre este tema, porque apesar do terrorismo estar cada vez mais atual devido à quantidade de ataques que têm ocorrido no mundo, verifica-se que o espaço de tempo entre eles tem vindo a diminuir.

A perigosidade aumenta de dia para dia e a capacidade de intimidar as populações aumenta sem olhar a meios. Tentamos entender se o terrorismo consegue realmente interpor medo ou algumas limitações no quotidiano das populações. Em conversas impessoais por vezes ouvimos referência ao medo de viver, de sair à rua, de viajar, de ir a concertos ou a peças de teatro. Tentei analisar os compor-

tamentos dos jovens quando expostos a este tema e tentei perceber se a consciência dos mesmos está diferente e alerta para esta constante instabilidade criada pela incerteza do terrorismo.

Após ter realizado um enquadramento geral realizei duzentos e quarenta questionários anónimos a jovens de dez zonas do país como Porto, Braga, Aveiro, Leiria, Lisboa, Setúbal, Beja, Faro, Ponta Delgada e Funchal. Nestes questionários apenas identificavam a localidade e o género para preservar o anonimato quase completo dos participantes.

Nestes questionários pretendemos perceber se os jovens conhecem a história do terrorismo e, perceber se estão conscientes dos atentados ocorridos nos últimos anos. Tentámos entender se pensavam no terrorismo no seu dia a dia e se, eram ou não, intimidados por o medo dos ataques.

No método etnográfico indireto tentámos observar reações de adolescentes da mesma faixa etária dos abordados nos questionários em momentos de pré e pós atentados. As observações foram realizadas em períodos diferentes. As primeiras observações foram feitas num período em que se verificou ausência de atentados na Europa, já as segundas, foram realizadas num período imediatamente após à ocorrência dos mesmos. Tentei observar comportamentos defensivos, comportamentos de grupo, comentários, reações de familiares, entre outras coisas.

## 1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

*A nossa cultura, a nossa história, amarra-nos com um milhar de dedos invisíveis. Cada país é habitado não apenas por cidadãos, mas também por fantasmas do passado, ilusões de um futuro imaginário e de santos fora do seu tempo e de lugares longínquos.*

Harzensky, 2003

O terrorismo é um fenómeno estrutural cujo início não é fácil de estabelecer com precisão, embora haja referências desde o ano 48 a.C. (Carvalho, 2016).

Na **Antiguidade**, os primeiros dados remetem para Platão (428-348 a.C.) e para Aristóteles (384-322 a.C.), defensores de uma violência rebelde para derrubar uma ordem política, já que se considerava a tirania como a pior forma de exercício de poder. Se um tirano capturava o poder sem legitimidade, a sua morte representava o fim dessa ilegitimidade. Posteriormente, Santo Agostinho (354-430 d.C) estabeleceu a distinção entre guerras justas (com regras) e combates contra marginais ou grupos à margem da lei (sem restrições).

Uma das primeiras referências ao terrorismo e a um grupo terrorista surge no ano 48 a.C. Uma seita denominada *Zelotes* travou constantes guerras para revoltar o povo contra os Romanos na Judeia. Assim, usavam grupos de assassinos<sup>1</sup> que atacavam as cidades que se encontravam sobre o domínio dos Romanos utilizando um punhal simbólico<sup>2</sup>, e matavam judeus e legionários, raptavam pessoal da Guarda do Templo para pedir resgate ou usavam veneno em larga escala para os seus intentos. Os *Zelotes* matavam ainda outros judeus porque as mortes demonstravam as consequências da imoralidade de colaborar com os invasores romanos e que estes não podiam proteger os seus colaboradores judeus (Carvalho, 2016). Os romanos consideravam-nos criminosos e regulamentaram este crime recorrendo à primeira lei antiterrorismo, datada de 81 a.C.<sup>3</sup>

Na **Idade Média** prevalecia em diversas culturas a *doutrina do Bem gerado pelo sangue*. No século VII, Maomé fundou uma nova religião monoteísta e começou a divulgá-la em Meca, sua terra natal, em nome de Alá (*o Deus único*) por volta do ano 610. Após a sua morte, entre os séculos VII e VIII, deu-se uma grande expansão militar (os *Soldados de Maomé*) em nome do Islamismo, que originou a Guerra Santa. Os seus sucessores (os *Califas*) espalharam a sua fé e lutaram contra quem não era crente. Durante os séculos XI e XIII, os cristãos formaram grupos militares e foram em direção à Terra Santa (as Cruzadas) para manter este território sobre o domínio cristianismo.

---

<sup>1</sup> *Sicarii*

<sup>2</sup> *Sica*

<sup>3</sup> *Lex Cornelia de Sicariis et Veneficis*

São Domingos (1170-1221) perseguiu todos aqueles que não tinham religião (os *Hereges*), defendendo que era necessário espalhar a fé Cristã e evangelizar aqueles que não a conheciam. São Tomás de Aquino (1225-1274) definiu os três princípios para travar uma guerra justa, que seriam: (1) a autoridade do príncipe, (2) um ataque só àqueles que o mereciam e (3) a convicção dos atacantes de que fariam o Bem e assim evitaria o Mal.

O início da **Idade Moderna** foi marcado por várias Revoluções, quer internas quer envolvendo vários países. Por exemplo, a Índia esteve sob domínio do Império Britânico entre 1763 e 1856. Os *Thugs*, uma seita de ladrões e assassinos, atacavam as autoridades britânicas e viajantes indianos enfiados. Estes praticavam estrangulamentos com um lenço amarelo<sup>4</sup> que traziam amarrado à cintura, escondiam os corpos, enterrando-os ou emparedando-os e procuravam não deixar testemunhas, armas ou cadáveres nos locais dos crimes.

Outro exemplo de terrorismo é a Revolução Francesa (1789-1799), já na considerada **Idade Contemporânea**. Este período de agitação política e social levou a um ataque sustentado de grupos políticos radicais, das massas nas ruas e de camponeses nas zonas rurais do país, como resultado da crise financeira (pela participação na Guerra da Independência dos EUA e pela derrota na Guerra dos Sete Anos), dos custos elevados da Corte de Luís XVI, do facto de o voto não ser universal (os votos eram antes atribuídos por ordem social e não por cabeça) e de os *Privilegiados* estarem isentos de impostos. De acordo com a literatura, a Revolução Francesa desviou-se do seu propósito e da sua orientação original, a liberdade política, em direção a um desejo desmedido de “libertar o Homem do sofrimento”, ou seja, a violência foi o motor da revolução e a força purificadora em nome da liberdade, independência e da dignidade humana. Surge assim a noção de Terrorismo de Estado e de morte rápida e pública (através da guilhotina) como meio para atingir um fim.

A entrada da Rússia na I Guerra Mundial acarretou consequências ao nível da desorganização da economia, fome, pobreza e racionamento, um regime absolutista e opressor do czar e saques e protestos contra o regime. Em 1917, a sua frágil estrutura política colapsou sobre o *stress* da guerra de atritos entre bolcheviques e Mencheviques e deu-se uma revolução que compreendeu duas fases distintas: a **Revolução de Fevereiro**, que derrubou a autocracia do Czar Nicolau II (o último Czar a governar) e procurou estabelecer em seu lugar uma república de cunho liberal, e a **Revolução de Outubro**, na qual o Partido Bolchevique derrubou o Governo Provisório apoiado pelos partidos socialistas moderados e impôs o governo socialista soviético. A Revolução de Outubro foi uma obra de Lenine, guiada pelo radicalismo e ressentimento pessoal. Este não tolerava dissidências ou críticas, confiava apenas na força física, e procurava corromper o marxismo ao anarquismo-terrorismo da “vontade do Povo”. A *Cheka*, o novo órgão de segurança, tinha licença para matar e os métodos usados eram variados: execuções (singulares ou em massa), homicídios, morte por privação de alimentos (fome) ou trabalho escravo. Come-

---

<sup>4</sup> Rumaal

çava a era do terror Bolchevique (o *Terror Vermelho*), que levou à morte de cerca de 60 milhões de pessoas entre 1917 e 1987.

A Revolução Russa de 1917 influenciou a criação do Partido Comunista Chinês, cujos principais fundadores foram o intelectual Chen Duxiu, o educador Peng-Pai e o ativista político Mao Tse-tung. Em outubro de 1949, depois da Guerra Civil Chinesa, os comunistas tomam o poder através da e proclamam a República Popular da China, com Mao Tse-tung como líder supremo. Foi o início de uma era de humilhação, fanatismo, medo e escalada de violência.

Em suma, a Idade Contemporânea foi marcada pela ideia de que sem violência, nada de belo nasceria entre os Homens, como defenderam **Hegel** (*a violência é a força necessária para todas as etapas da História*), **Marx** (*a violência é a parteira das sociedades*), **Nietzsche** (*para se ser todo poderoso, tem que se usar a violência*), **Lenine** (que fez a apologia da luta, sangrenta ou não, violenta e pacífica, contra as forças do *velho mundo*) e **Trotsky** (*a violência é a única força criadora da História*).

Para além destas revoluções, o **século XX** e alvares do **século XXI** trouxeram novas motivações para o terrorismo e novos tipos de terrorismo. Passou a fazer-se a distinção entre o *terrorismo do Ocidente* e o *terrorismo do Oriente*.

O **terrorismo do Ocidente** pode ser motivado pela política (e.g., assassinato do Czar Alexandre II, na Rússia; Regicídio de 1908, em Portugal), por grupos separatistas/nacionalistas (de base política, cívica ou administrativa, de base étnica ou racial, de base religiosa ou de base social, como a ETA ou o IRA) ou pela religião e fundamentalismo (de fora, para dentro do mundo ocidental, como a Al Qaeda ou o DAESH). O **terrorismo do Oriente** foi marcado por um período de humilhação e desgraça (derrota e abolição do Sultanato Otomano, aliado da Alemanha, pelas forças ocidentais na sequência da I Guerra Mundial, destruição de templos religiosos, perda do título de califado e abolição da linhagem do Profeta Maomé e consequências traumáticas para a comunidade muçulmana), por um período de união pela religião e não pela nacionalidade (e.g., movimento reformista islâmico de Mustafa Kemal) e pela visão dos EUA como ameaça. Isto porque a outrora poderosa potência islâmica, sentindo-se humilhada por imperialistas estrangeiros e modernidades domésticas, ficou sob tensão. O falhanço do sistema soviético na sequência da Guerra Fria deixou os Estados Unidos da América numa posição singular e sem rival e o Médio Oriente sentiu-se obrigado a mobilizar as suas próprias forças de resistência. Acresce ainda a imposição internacional e indesejável de Israel, o apoio (pelos EUA) de governos tirânicos, a pobreza extrema no Médio Oriente comparada com a riqueza e extravagância de outros na mesma comunidade o papel do  *jihad* (i.e., luta mediante vontade própria, empenho, esforço) na tradição islâmica, as distinções intransponíveis entre os estilos de vida islâmicos rigorosos e os estilos de vida hedonistas ocidentais e a história moderna do terrorismo.

Na segunda metade do século XX desenvolveram-se novas motivações para o terrorismo, não políticas, não religiosas e não ideológicas como o **narcoterrorismo** (que resulta de uma expressão eco-



nómica de interesses relativos a grupos sediados fundamentalmente na América Latina), o **bioterrorismo** ou o **ciberterrorismo** (ataque deliberado e politicamente derivado a sistemas de informação, programas e dados, pertencentes a estados, empresas e pessoas, com o objetivo de prejudicar o bom funcionamento de uma região ou país, negócios ou cidadãos, provocando a confusão e o medo).

## 2. ENQUADRAMENTO CONCRETUAL DO TERRORISMO

*O terrorismo influencia drasticamente o mundo, como demonstra o longo alcance e os efeitos dos ataques de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. A definição de terrorismo irá afetar a forma de comunicação e a resposta a esta questão, acarretando consequências sociais e políticas. No entanto, uma definição universal continua a ser evasiva, porque diferentes organismos, organizações e agências governamentais definem este fenómeno de forma diferente de acordo com o seu próprio papel, finalidade ou preconceito.*

**Bruce, 2013**

A definição de terrorismo é a componente mais ambígua dos estudos e das publicações nesta área, uma vez que não há uma definição universalmente aceite que diferencie ataques contra não combatentes, civis ou militares armados, ou que tenha em consideração os objetivos, a finalidade e as últimas tendências dos terroristas (Sinai, 2008). Na literatura, podem ser encontradas diversas definições deste conceito (cf. Quadro 1).

**Quadro 1.** Definição de terrorismo (Adaptado de Sinai, 2008).

Organização	Definição
<p><b>Departamento de Estado dos EUA (1983)</b>  <i>Esta definição é operacionalmente importante por questões legais porque providencia uma base para a detenção e acusação de perpetradores de atos de terrorismo</i></p>	<p>O <b>terrorismo</b> é uma forma de violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes (i.e., civis, militares não armados ou fora de serviço), levada a cabo por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar uma audiência. O termo <b>terrorismo internacional</b> refere-se ao terrorismo que envolve cidadãos ou território de mais do que um país. O termo <b>grupo terrorista</b> refere-se a qualquer grupo ou subgrupo que pratique terrorismo internacional.</p>
<p><b>Conselho Nacional de Investigação dos EUA 1983</b>  <i>Esta definição tem utilidade limitada porque não inclui atividades que ficam aquém do limiar da violência (e.g. mobilização de apoio entre a subcultura radical de um grupo, providência de serviços de assistência social, manutenção de sites na internet)</i></p>	<p>O terrorismo inclui o uso ilegal, ou ameaça de uso de força ou violência, com a intenção de coagir sociedades ou governos através da indução de medo nas suas populações, tipicamente com justificações e motivos políticos e/ou ideológicos, que engloba um elemento "extra-societal", ou seja, a sociedade de fora no caso de terrorismo doméstico e a sociedade estrangeira no caso de terrorismo internacional.</p>
<p><b>International Policy Institute for Counterterrorism's (ICT)</b>  <i>Esta definição tem utilidade limitada por não ser fácil distinguir os dois grupos: as guerrilhas podem envolver-se em ataques terroristas e os grupos terroristas consideram-se forças guerrilheiras que controlam determinados territórios</i></p>	<p>Distingue <b>grupos terroristas</b> de <b>guerrilhas</b>. Os primeiros procuram provocar uma resposta dura do governo às suas operações, geralmente fora do campo de batalha (e.g., FARC). Os segundos usam uma combinação de métodos militares e políticos com intenção de derrubar um governo (e.g., <i>Lebanese Hizballah</i>).</p>
<p><b>Nações Unidas 2001</b></p>	<p>A definição provisória de terrorismo desempenha um papel político e enumera atos de violência considerados como terrorismo, se estes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Resultam (ou podem resultar) em prejuízos económicos consideráveis;</li> <li>• Têm como propósito, pela sua natureza ou contexto, a intimidação de uma população ou obrigar um Governo ou uma organização internacional a ceder aos seus propósitos.</li> </ul>

Dada a ambiguidade das definições apresentadas, houve a necessidade de chegar a um consenso nas diversas áreas de atuação, nomeadamente na investigação académica, ao nível das profissões jurídicas, das agências de investigação e contraterrorismo, da área da saúde e dos *media*.

Para os académicos, o terrorismo é o uso ilegítimo da força para alcançar um objetivo político, visando o ataque a pessoas inocentes (Laqueur, 1977, citado por Bruce, 2013). Pode ser também um conjunto de métodos de combate, ao invés de uma ideologia identificável ou movimento, que envolve o uso premeditado de violência (principalmente) contra não-combatentes, com a finalidade de conseguir um efeito psicológico de medo nos outros (para além dos alvos imediatos) (Bjorgo, 2005, citado por Bruce, 2013).

A definição de terrorismo assenta, desta forma, em três aspetos fundamentais (Reinares, 2005, citado por Bruce, 2013):



- É um ato de violência que produz reações emocionais generalizadas e desproporcionais, tais como o medo e a ansiedade, que são suscetíveis de influenciar atitudes e comportamentos;
- A violência é sistêmica e bastante imprevisível, sendo normalmente dirigida contra alvos simbólicos;
- A violência transmite mensagens e ameaças, com a finalidade de ganhar controlo social.

O terrorismo é ainda um método inspirador de ansiedade por repetição de ações violentas, empregue por indivíduos, grupos ou atores de estado (semi-)clandestinos, por razões idiossincráticas, criminais ou políticas. As vítimas imediatas da violência são geralmente escolhidas de forma aleatória (alvos de oportunidade) ou seletiva (alvos representativos ou simbólicos) numa população-alvo, e servem como geradores de mensagens (Schmid & Jongman, 1988).

Estes são apenas alguns exemplos das diferentes definições encontradas na literatura. Os investigadores aspiram ainda por uma definição consensual de terrorismo que lhes permita focar-se num aspeto específico de investigação, o que facilitaria a comunicação entre eles, as suas instituições e o seu contributo para o contraterrorismo. Acresce ainda que grande parte das definições académicas de terrorismo enfatizam a combinação de violência, política, sociologia e psicologia, bem como a inclusão quer da ameaça de violência quer da violência real (Bruce, 2013).

Os juristas aspiram por uma definição que possa ser usada para uma acusação e condenação bem-sucedidas dos terroristas. A defesa ou o recurso nos casos de terrorismo são mais fáceis se os crimes forem definidos de forma ambígua.

As agências de investigação e luta contra o terrorismo (e.g., FBI, *Scotland Yard*, *Australian Federal Police Counter-Terrorism*) necessitam de uma definição que sirva de diretriz para a atuação e aprovação legal da sua intervenção, que muitas vezes está perto (ou ultrapassa) dos limites da liberdade civil.

Para os profissionais de saúde, há interação entre o terrorismo e a prática, médica ou clínica, uma vez que as vítimas de terrorismo irão necessitar do tratamento físico e/ou psicológico das suas lesões e respetivas sequelas. No entanto, também os suspeitos de terrorismo podem necessitar de tratamento e os médicos envolvidos na assistência humanitária podem ser confrontados com julgamentos ou decisões éticas aquando desta situação.

Quanto aos *media*, na grande maioria das vezes, utilizam o termo “terrorismo” para persuadir as pessoas a comprarem jornais ou a verem noticiários na televisão. Estes não recorrem a uma definição precisa deste conceito, antes chamam a vários eventos “ataques terroristas” para captar a atenção do público (e.g., *bullying* escolar terrorista, terrorismo económico). Ora, uma das principais fontes de aprendizagem do público sobre o terrorismo são os meios de comunicação social e o uso abusivo deste termo irá transformá-lo num cliché sem sentido.

Em suma, há uma grande variedade de indivíduos e organizações com grande interesse no terrorismo. Cada qual definiu o termo para que este se adapte aos seus objetivos e perspetivas. É por isso

improvável que, num futuro próximo, se chegue a um consenso acerca da definição deste conceito, o que acarretará consequências sociais e políticas a nível mundial (Bruce, 2013).

Para além da importância do consenso na definição de terrorismo, importa também definir o que é um terrorista. De acordo com os estatutos norte-americanos, um **grupo terrorista** é constituído por dois ou mais indivíduos (i.e., uma unidade de combate) que se empenham na violência terrorista e que (Sinai, 2008):

- Pertencem a uma infraestrutura de apoio, cujas atividades contribuem para a violência (e.g., treino, planeamento, angariação de fundos, logística, receção de treino militar, cometimento de atos violentos em chats da internet, apoio ou defesa da atividade terrorista, persuasão de outros indivíduos para defender esta atividade);
- Incitam à violência (e.g., pregadores religiosos);
- Possuem conhecimento sobre uma operação eminente levada a cabo por outros, mas não informam as autoridades;
- Pertencem a um grupo terrorista ou seus afiliados;
- Se ocupam de atividades terroristas sozinhos (i.e., são lobos solitários).

Uma **organização terrorista** é uma organização ilegal e clandestina que geralmente recruta, planeia, treina indivíduos e comete assassinios. Esta organização pode apresentar uma hierarquia identificável de comando, uma estrutura horizontal (onde os líderes não são identificáveis ou não desempenham um papel importante) ou uma estrutura de célula onde os terroristas podem ser lobos solitários.

Outro problema concetual diz respeito ao **contraterrorismo** e à **segurança interna** do território. Geralmente estes termos são usados de forma indiferenciada no combate ao terrorismo. Contudo, o terrorismo é orientado para a ofensiva (e.g., medidas militares), enquanto a segurança interna é orientada para a defensiva (e.g., aplicação da lei e de medidas judiciais, proteção de infraestruturas).

A definição consensual de terrorismo irá afetar a comunicação, a resposta e a prevenção deste tipo de atos e, por isso, tem consequências sociais e políticas à escala global. No entanto, não existe ainda uma definição universalmente aceite porque diferentes organismos, instituições e agências governamentais adotam diferentes definições que se adequem ao seu papel, finalidade ou preconceito (Sinai, 2008).

## 2.1. Tipos de terrorismo

Desenvolver uma tipologia de terrorismo é uma tarefa complicada e controversa, tendo em conta a multiplicidade de atores e de variáveis em jogo. Schultz (1980, citado por Carvalho, 2016), por exemplo, enuncia sete variáveis fundamentais para tipificar situações de terrorismo: causas, meio ambi-

ente, objetivos, estratégias, meios, organização e participação. Outras tipologias enfatizam sobretudo as questões político-religiosas, como é o caso das de Post (2004, citado por Carvalho, 2016).

Relativamente aos objetivos, podemos encontrar as seguintes formas de terrorismo (Carvalho, 2016):

- **Nacionalistas:** desenvolvem ações em nome da independência de um determinado território, suportando o separatismo que pretendem em passados históricos, políticos, culturais ou religiosos;
- **Religiosos:** a violência é uma forma de defesa da fé;
- **Patrocinados:** instrumentalizados ou desenvolvidos por estados ou organizações multinacionais, como utensílios de uma determinada política externa;
- **De esquerda:** subvertidos pelo sistema revolucionário, que pretende aglutina a causa marxista, sendo a violência preconizada pela doutrina revolucionária e muito apelativa a grupos terroristas propensos à conquista de poder;
- **De direita:** A maioria intervém no próprio país, intrometendo-se em questões externas apenas quando consideram que o seu país está ameaçado;
- **Anarquistas:** ainda que longe dos partidos, encontram neles os suportes ideológicos que justificam as suas ações.

Tendo em conta os alvos do terrorismo, podemos encontrar a seguinte classificação:

- **Terrorismo indiscriminado:** os atos não têm um alvo principal previamente definido, afetam agentes indefinidos ou irrelevantes e têm como principal objetivo lançar a instabilidade social e o medo (e.g., colocação aleatória de bombas em espaços públicos como estações de metro e aeroportos);
- **Terrorismo seletivo:** os atos têm um alvo principal, reduzido e limitado previamente definido, têm como objetivo a vingança ou eliminar algum alvo que seja contra as suas ideologias ou que interfira com alguns dos seus objetivos e pode funcionar também como forma de chantagem;
- **Terrorismo de Estado:** são atos abrangentes que remetem para a violência usada pelo Estado contra os seus cidadãos ou contra minorias. O objetivo principal é acabar com algum tipo de resistência que possa existir contra o Governo ou pode funcionar como imposição de determinada ordem (e.g., Nazismo na Alemanha, Estalinismo na União Soviética);
- **Terrorismo comunitário:** os atos têm como principais alvos pequenas minorias étnicas ou religiosas que não são bem julgadas perante a sociedade e as autoridades, havendo uma forte necessidade de as expulsar ou de as eliminar por completo. Considera-se uma espécie de "terror coletivo" sendo que este género de terrorismo tem ganhado força e expressão no Afeganistão, Paquistão e na Índia. O número de vítimas é elevado e a destruição em grande escala.

## 2.2. Organizações terroristas

**AL QAEDA.** É constituída por células que trabalham de forma independente e colaboram entre si, competindo pelo poder geopolítico na zona do Médio Oriente. É uma organização fundamentalmente Islâmica e, no início, o seu principal objetivo era expulsar as tropas que invadiam o Afeganistão. Neste mesmo período, os EUA ajudavam monetariamente a organização com o objetivo de comprar armas e realizar mais treinos sendo que, com a Guerra do Golfo, este mesmo país, instalou bases militares nos seus territórios. Por essa razão, Bin Laden, líder à data, começou uma guerra aberta contra eles. A Al Qaeda apresenta uma longa lista de atentados em África, no Médio Oriente e mesmo nos EUA, com o 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. Estes constantes ataques fizeram com que o governo norte-americano iniciasse a chamada *Guerra ao Terror*. A estrutura organizacional desta organização não é bem conhecida e o desconhecimento sobre a sua forma de funcionamento faz com que não se consiga afirmar com precisão o número de membros que estão associados.

**ESTADO ISLÂMICO.** Também conhecida como *Estado Islâmico do Iraque e do Levante* ou *Estado Islâmico do Iraque e da Síria*, adotou esta designação a partir de 29 de junho de 2014. Autointitula-se como uma organização *jihadista* islâmica, de orientação *wahhabita*, e atua principalmente no Médio Oriente. Proclama ter superioridade e autoridade dada pela religião sobre os Muçulmanos e o seu principal objetivo é controlar a maior parte de território possível da região do Levante. O seu funcionamento baseia-se em forçar as pessoas que vivem nos territórios que controla a converterem-se ao Islamismo. Todos os que se negarem a fazê-lo são mutilados e torturados de forma a serem persuadidos e caso não cedam às suas imposições, podem ser condenados à morte. A CIA refere que em meados de 2014 esta organização contava com um número de combatentes na Síria e no Iraque compreendido entre 20 000 e 31 500. Sabe-se também que o Estado Islâmico manteve ligações privilegiadas com a Al-Qaeda até fevereiro de 2014 sendo que, após uma luta de poder que durou oito meses, a Al-Qaeda finalizou todas estas ligações pois não concordava com o modelo de ataque constantemente associado à brutalidade que eles apresentavam.

**ETA.** É/foi um grupo separatista, fundado em 1959, que defendia a criação de um Estado Basco independente. Um dos seus objetivos também era protestar contra a ditadura do general Francisco Franco, que proibia qualquer demonstração de patriotismo do país Basco. Nos primórdios da sua fundação, a sua ideia principal era espalhar a cultura do povo basco e mostrar os seus princípios de forma a conseguir atingir os objetivos. Quando confrontados com a ditadura Franquista, foi proibida de divulgar os seus ideais políticos o que levou a um choque ideológico entre este e o Governo. Ao escolher lutar contra essa imposição, a ETA passou a ser considerada como um grupo terrorista. Com a morte de Franco

começou a surgir uma maior liberdade para com as regiões Bascas e a Constituição espanhola acabou por declarar a região como uma província autónoma, com um parlamento e governo próprios, bem como a sua própria polícia. Ainda com o seu objetivo por cumprir, a ETA não cessou fogo e continuou a provocar atentados provocando a morte a mais de 800 pessoas durante as décadas que se seguiram. No final da década de 1990, deu-se finalmente o cessar-fogo por haver diversos protestos por parte da população contra o terrorismo, mas apenas em Outubro de 2011, a organização anunciou o seu fim definitivo.

**FARC.** Esta organização é denominada por Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo. Define-se por ser uma organização com fundamentos comunistas, que lutar por uma guerra revolucionária marxista-leninista. O seu principal objetivo era implementar o socialismo na Colômbia e defender os direitos dos presos colombianos. É considerada organização terrorista por diversos governos como, o dos EUA, o da Colômbia, pela União Europeia e, pelo Canadá. A sua origem inicia-se com guerras entre liberais e conservadores no território da Colômbia. Em 1948, iniciou-se uma guerra civil contra o governo que liderava, por ser um governo conservador. Desta forma os liberais fizeram-no apoiado pelos comunistas. Esta guerra durou cerca de 16 anos. Ao longo da história desta organização, o Partido Comunista Colombiano andou na corda bamba no que dizia respeito as ligações com a FARC. Com base nos estudos do governo colombiano, admitia-se que esta organização possuía cerca de 6000 a 8000 membros. Verifica-se uma descida para mais de metade dos 16 000 relatados em 2001. Existiam outras estimativas disponíveis que referiam mais de 18 000 associados. Estes números foram defendidos pela FARC em 2007 numa entrevista com Raul Reyes. O Departamento de Estado dos Estados Unidos afirma que as FARC controlam a maior parte da distribuição de cocaína que circula na Colômbia bem como é considerada uma das responsáveis pelo tráfico dessa mesma droga para os Estados Unidos e para o resto do mundo. No ano de 2016, foi assinado um acordo de paz entre esta organização e o presidente da Colômbia.

**IRA.** Esta organização denominava-se por Exército Republicano Irlandês. Designa-se por paramilitar católico e o seu principal objetivo era que a Irlanda do Norte independente do Reino Unido e, que volte a fazer parte da República da Irlanda. No século XII, o rei da Inglaterra, conquistou a ilha da Irlanda. O seu estado era católico, mas a maior parte da população era protestante. Desde esse tempo que os conflitos surgiam entre os dois estados. Estes conflitos ainda se acentuaram mais quando foi instalada uma política de colonização pois, a divisão territorial da Irlanda bem como a desigualdade religiosa originaram diversos problemas e conflitos. No início do século XX, surge o Exército Republicano Irlandês, formado essencialmente por nacionalistas católicos. O objetivo principal era lutar pela autonomia da Irlanda do Norte pois, até há data já teriam sido estabelecidos diversos acordos de paz que no fim, não

terem sido cumpridos. O IRA organizava atentados com bombas bem como ataques armados, tanto contra civis, como contra militares protestantes. Organizavam ataques como a explosão de 22 bombas na cidade de Belfast, com um saldo de 9 mortos e 130 pessoas feridas e, surgiu como contra-ataque ao atentado que tinha ocorrido alguns meses antes, que matou 14 irlandeses católicos. Dependendo da perspectiva, o IRA assumia um papel de segurança e proteção da população contra o governo britânico bem como, de ameaça e terrorismo para aqueles que queriam manter as terras no seu domínio. A sua excelente organização e, o planeamento cuidadoso das suas ações fez com que algumas comunidades que tinham tido a sua origem nos irlandeses, nos Estados Unidos apoiassem financeiramente a organização, fazendo assim com que esta, começasse a ter maneira de atacar até o Reino Unido. Ocorram em média 3.500 mortos por atentados que aconteceram na Irlanda, sendo que em 1990, iniciaram-se as tentativas de cessar fogo. Por fim, em 1998, foi assinado o acordo de Ulster com o unionista David Trimble e o primeiro ministro Tony Blair. que dariam mais algumas condições de autonomia à Irlanda do Norte. Nesse mesmo ano ocorreu a deposição de armamentos por parte do IRA mas, o grupo só cessou os atentados em 2005. Neste momento, diz que continua na luta pela independência fazendo-o por meios políticos.

**Hezbollah ou Hizbollah.** É considerada uma organização terrorista com atuação política e militar baseada no Islamismo sendo a sua sede no Líbano. São intitulados como uma organização de grande relevância para o mundo islâmico e para o árabe. Um dos seus objetivos foi contra-atacar a invasão do Israel ao Líbano em 1982, e lutaram arduamente para impedir que o povo Israelita conseguisse ocupar as terras no Líbano. Em 1985 o Hizbollah publica um documento que enumerava algumas metas principais da organização. Eles pretendiam acabar com todas as entidades colonialista que atacavam o Líbano e tentavam também implementar um regime Islâmico no país. O partido foi crescendo ao longo dos anos e até conquistou lugar no parlamento libanês até que posteriormente lhes foi adquirido direito de veto uma gestão de televisão, um canal de rádio e alguns programas de desenvolvimento social. Esta associação tem um apoio bastante significativo da população xiita do Líbano e, em consequência da Guerra do Golfo ganhou seguidores em toda a parte do mundo, independentemente da sua religião. O Hizbollah é financiado pelo Irã e pela Síria. Recebe também de doações de libaneses entre outros. E, pode-se afirmar que o partido ganhou uma força militar maior recentemente. Em 2008, as Nações Unidas apresentaram um documento em que afirmavam que Israel se tinha retirado do território Libanês, mas em agosto desse mesmo ano, um novo gabinete do governo aprovou uma proposta que defendia a transformação do partido numa organização armada com a necessidade de recuperar as terras que ainda estão ocupadas. Atualmente, o Hezbollah encontra-se por todo o mundo.

### 2.3. Assunções sobre o terrorismo

Quando falamos em assunções estamos a referir-nos ao ato de assumir algo como certo. No Terrorismo existem várias assunções que assumem, que comparam e que culpam o ato terrorista com diversos motivos. De uma forma mais resumida, existem pelo menos cinco afirmações que são utilizadas muitas vezes para se justificar o ato terrorista. “O terrorismo é causado pela pobreza”, “Os terroristas são doentes mentais”, “O terrorismo é um fenómeno cada vez mais letal”, “O terrorismo é um fenómeno antiocidental”, e “O terrorismo é um fenómeno bem-sucedido”, são as cinco afirmações descritas acima.

Numa tentativa de desmistificar cada uma delas, começo por analisar a primeira, que nos diz que o terrorismo está ligado à pobreza.

Esta associação entre a pobreza e o terrorismo está ligada à falta de oportunidades que existem para melhorar a qualidade de vida, com a agressividade e violência que existe contra as pessoas que têm melhores condições de vida, com a culpabilização do governo pela situação económica em que as pessoas se encontram e, para as injustiças sociais com que se deparam diariamente. Esta forma de pensar é partilhada não só por pessoas que se sentem vítimas pela pobreza, mas também por figuras públicas e políticos.

A literatura remete-nos para a existência de diferentes definições de pobreza e de diferentes variáveis que se possam relacionar com ela (e.g., baixo rendimento per capita, níveis elevados de analfabetismo, baixa esperança média de vida, falta de oportunidades de emprego). No entanto, várias investigações não conseguiram estabelecer esta correlação das variáveis entre a pobreza e o terrorismo. Um dos argumentos utilizados na inexistência desta correlação é a falta de diferença de pobreza quando se compara os terroristas com os diversos cidadãos do seu próprio país. Verifica-se também que o terrorista é classificado como um indivíduo de classe média-alta bem como, os países que estão assinalados como o maior índice de terrorismo, não são obrigatoriamente os mais pobres. Registou-se no ano de 2015 que o Iraque, a Índia, o Paquistão, o Afeganistão e a Rússia foram os países que sofreram mais ataques sendo que, em contrapartida, o Banco Mundial afirma que a Rússia é um dos países mais ricos do mundo e que os restantes estão classificados com um índice de riqueza *per capita* elevado. Outro argumento que encontramos quando analisamos os terroristas mundialmente conhecidos, foi que nomes como Osama Bin Laden e Umar Farouk, entre muitos outros, são provenientes de famílias abastadas e detêm uma riqueza pessoal acima da média.

Após estes argumentos, podemos concluir que, não se consegue estabelecer uma ligação sólida entre a pobreza e o terrorismo e que a possível resposta condicionada de o terrorismo se dever a sentimentos de inferioridade e de indignação não tem correlação com a pobreza.

A segunda afirmação a ser analisada é aquela que relaciona o ato terrorista com a doença mental de quem a pratica, afirmando que existe uma doença. Esta atribuição deve-se ao facto de os atos

serem muito difíceis de entender e de aceitar, não só pelo o ato em si, pela sua violência física e psicológica, como também por vezes envolverem suicídio por parte de quem o comete. Por serem atos imortais, dificultam uma avaliação racional sobre o que aconteceu. Quando vamos olhar para as investigações já realizadas, elas não estabelecem nenhum tipo de ligação entre estes dois fatores pois considera-se o terrorismo um comportamento racional e premeditado fazendo assim com que os terroristas também sejam racionais cometendo o ato com um propósito pensado e com o fim de atingir determinados objetivos políticos. As abordagens sociais e psicológicas são praticamente consensuais quando referem que os indivíduos que cometem atos terroristas não apresentem perturbações mentais, nem existe qualquer relato comparando os terroristas com o resto da população.

Todos estes argumentos não relativizam a questão ao ponto de ser possível afirmar que não existam terroristas que tenham perturbações mentais pois até está provado que é mais comum perturbações de personalidade entre terroristas do que no resto da população. Podemos concluir que se analisarmos a literatura, não existem argumentos que fundamentem esta correlação entre o terrorista e a doença mental, apesar de haverem casos em que os ataques estão associados a determinada patologia. No entanto, o que predomina na gíria do senso comum é o facto de o terrorista poder ser visto como doente mental ou psicopata pois, de certa forma é o que é passado nos media e nos discursos políticos.

Outra assunção que encontramos é o aumento da letalidade dos ataques e, esta por sua vez pode ser olhada de duas perspetivas: o terrorismo provocar mais mortes na generalidade dos ataques, ou, o terrorismo provocar mais mortes em cada ataque. Estas assunções existem devido à ideia que associa o terrorismo a atos cada vez mais violentos. Quando olhamos para as investigações já feitas, verifica-se algumas possibilidades para um aumento da letalidade nos ataques pois esta cativa a atenção de quem observa (media e o público). Nos tempos que correm, existe uma maior disponibilidade de armas letais para a sociedade, sendo de fácil obtenção (vários grupos de terrorismo são apoiados pelo Estado). Tem existindo cada vez mais ataques associados a crenças religiosas e mais ataques dentro da mesma comunidade, realidade que define um aumento gradual no numero de vitimas. Entre 1968 e 1979 registaram-se em média 2.08 vitimas por ataque, na década de 1980 registaram-se 3.83 vitimas, na década de 1990, cerca de 10,38 vitimas e, entre 2000 a 2005 registou-se em média 10,89 vitimas por ataque. O terrorismo provoca cada vez mais mortes por ataque e o número de vítimas por ataque tem aumentado ao longo dos anos. Esta assunção é considerada um facto.

A outra assunção que encontramos é a relação do terrorismo com o Oriente contra o Ocidente. Podem haver duas formas de interpretação. A primeira diz respeito à retórica, pois os slogans, a propaganda e/ou a linguagem usada pelas organizações terroristas são em grande escala antiocidentais. A segunda diz respeito ao facto da maioria das vitimas serem ocidentais. Esta assunção é assumida como verdadeira tanto para governantes como para terroristas. No entanto, há que ter em atenção que os ocidentais ajudam aqueles que ameaçam o ocidente, e se, este facto acontece realmente, os grupos



antiocidentais ganham maior expressão, aumentando significativamente a luta entre o Cristianismo e o Islâmico, com a respetiva separação das civilizações. Quando olhamos para as investigações já existentes, verificamos que Al-Qaeda pode, por exemplo, ser considerada uma destas organizações que se enquadram nas “antiocidentais”, mas, existem muitas outras que refutam este facto. É de referir que entre os anos 2005 e 2010 a maioria das vítimas eram muçulmanas e, que a maior parte dos ataques não se deu no Ocidente. Verificou-se que em 2015 o Iraque foi o país em que mais se verificaram ataques, seguido por o Afeganistão, pela Nigéria, pelo Paquistão e pela Síria. As vítimas são fundamentalmente muçulmanas e resultam de ataques em países não ocidentais. Comparando com Portugal, verificamos que foi/é um país com impacto do terrorismo.

A assunção a ser falada em último é a que se refere ao tema sobre se o terrorismo é bem-sucedido. Uma das questões mais importante é tentar estabelecer a correlação entre o terrorismo causar medo nas populações, ou não causar esse sentimento negativo. Quando olhamos para estudos já realizados, verificamos que existem alguns levados a cabo nos EUA que permitiram concluir que antes dos atentados em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, apenas um quarto dos americanos afirmava ter medo de ser vítima de um ataque terrorista. Quando se voltou a realizar um estudo comparativo após os atentados, verificou-se que a percentagem subiu para os 60%. Posteriormente em 2013, os níveis reduziram para 40% e, tem-se verificado um contínuo declínio.

Em suma, os terroristas atingem os seus objetivos, políticos ou não, causam medo e ansiedade nas populações. Estes tipos de sentimentos gerem outros, fazendo com que o medo se transforme em violência, a ansiedade em ódio e, o mundo num lugar hostil. Para além destes fatores, o terrorismo capta a atenção dos média, usando essa atenção para atingir os seus objetivos.

## 2.4. Índice global de terrorismo 2016

Os índices do terrorismo são apresentados num documento anual onde podemos verificar que setenta e seis países melhoraram suas pontuações no GTI 2016 contra cinquenta e três países que pioraram. No entanto, como existem muitos países com níveis recordes desta corrente, a pontuação GTI geral piorou em seis por cento desde o ano passado.

Segundo pelo GTI, o Iraque, a Nigéria, o Afeganistão, o Paquistão e a Síria, são os cinco países com o maior impacto do terrorismo. Desde o ano de 2010 que não se verificava qualquer diminuição de números de mortes registadas, no entanto, em 2015 verificou-se uma diminuição de dez por cento das mortes por terrorismo para 29,376.

As maiores diminuições de mortes corresponderam à Nigéria e ao Iraque com 5,556 mortes a menos. Isto constitui assim uma redução de 32 % desde 2014 nestes dois países.

Nos países pertencentes à OCDE, verifica-se um aumento drástico em 2015, aumentando em 650 por cento em relação a 2014. Vinte e um dos trinta e quatro países da OCDE experimentaram, pelo menos, um ataque terrorista e, os países que registaram um maior número de mortes foram a Turquia (país onde os atentados não são praticamente noticiados em Portugal) e a França. Nos grupos afiliados a ISIL verificou-se um aumento significativo no número de países atacados, mais do que o dobro, passando de treze países em 2014 para vinte e oito países em 2015.

São dados relevantes também, o facto de existirem duzentos e setenta e quatro grupos terroristas conhecidos que realizaram pelo menos um ataque em 2015. Desses duzentos e sessenta e quatro grupos, verificaram-se pelo menos a ocorrência de cento e três registos de vítimas.

Desde o ano de 2006, registou-se que 98% de todas as mortes por terrorismo, nos EUA, ocorreram por atos isolados fazendo 156 mortes. Em 2014, foram registados noventa e três países com pelo menos um atentado e, verificou-se um total de 32.765 pessoas mortas.

Em termos do perfil do terrorista, verificou-se que dos pertencentes ao ISIL que foram enviados para a Síria, altos níveis de educação, mas baixos rendimentos. Conseguiu-se apurar também que existe um alto sentimento de exclusão nos seus países de origem.

Em 2014 registaram-se 18 óbitos causados por ataques reivindicados pelo ISIL na OCDE. Este número, alterou-se significativamente aumentando em 2015 para um total de 313 mortes em 67 ataques. Soube-se também que metade de todos os ataques do ISIL foram elaborados por pessoas que não tiveram contacto direto com ISIL.

Quando associamos os grupos terroristas aos ataques podemos concluir que em 2015, quatro grupos foram responsáveis por 74 % de todas as mortes por terrorismo: ISIL, Boko Haram, Talibã e Al-Qaeda. Sendo que o ISIL superou Boko Haram como o grupo terrorista mais mortal. Este grupo, realizou ataques em 252 cidades diferentes nesse mesmo ano e, foi responsável por 6.141 mortes nesse mesmo ano. Mesmo assim, no grupo terrorista Boko Haram, apesar de ter sido verificada uma redução de 18% no número de vítimas em 2015, foi ainda responsável por 5.478 mortes durante o ano. O Al-Qaeda também apresentou uma redução de 17% no número de pessoas que matou em 2015, sendo responsável por 1.620 mortes nesse mesmo ano. Por último, os talibãs verificaram um aumento de 29% no número de vítimas mortais no mesmo ano acima referido, assassinaram assim 4.502 pessoas no total.

Os três países economicamente mais afetados por estes atos são o Iraque com 17.3%, o Afeganistão com 16.8% e, a Síria 8.3%.

Este documento é de extrema importância, não só para quem estuda estes temas, como também para quem se interessa sobre estes assuntos pois, desmistifica muito as ideias comuns que giram entre todos nós.

### 3. ENQUADRAMENTO LEGAL PORTUGUÊS DO TERRORISMO

*Depois de um ataque terrorista, o tema regressa sempre: serão precisas novas medidas legislativas de combate ao terrorismo? Desta vez, porém, a legislação em PORTUGAL é muito recente: viu a luz há apenas seis meses – concretamente a 24 de junho (de 2015).*

*In Observador, 15/11/2015*

Os acontecimentos recentes na Europa chamaram a atenção para a necessidade de revisão e atualização da legislação nacional já existente sobre o terrorismo.

Neste âmbito, em 2015, a Presidência do Conselho de Ministros de Portugal publicou a **Resolução nº 7-A**, onde defende o combate integrado ao terrorismo através de uma abordagem coesa e concreta do fenómeno, bem como o seu acompanhamento e avaliação permanentes. Esta Resolução tem em consideração a Estratégia Antiterrorista da União Europeia (ENTC), a Estratégia da União Europeia de Combate à Radicalização e ao Recrutamento para o Terrorismo, os planos sobre o financiamento do terrorismo e a legislação portuguesa sobre esta matéria.

A **Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo (ENCT)**, que engloba a **Lei de Combate ao Terrorismo (LTC)**, a **Lei de Combate ao Branqueamento de Capitais e do Financiamento do Terrorismo (LCBCFT)**, a **Lei de Segurança Interna (LSI)** e a **Lei de Defesa Nacional (LDN)**, assenta em 5 pilares estruturantes:

- **Detetar:** identificação precoce de potenciais ameaças terroristas;
- **Prevenir:** identificação e conhecimento das causas dos processos de radicalização, recrutamento e terroristas;
- **Proteger:** reforço da segurança dos alvos prioritários;
- **Perseguir:** neutralização de iniciativas terroristas (projetadas ou em execução) e submissão dos fenómenos terroristas à ação da justiça;
- **Responder:** gestão operacional de todos os meios a utilizar na reação a ocorrências terroristas.

A **Lei nº 57/2015 de 23 de junho** atualiza, no Código Penal, a definição de terrorismo, ou seja, as condutas que integram os crimes de organizações terroristas, terrorismo, terrorismo internacional e financiamento do terrorismo.

De acordo com a **Lei nº 52/2003 de 22 de agosto**, um “grupo, organização ou associação terrorista é todo o agrupamento de 2 ou mais pessoas que, atuando concertadamente, visem: prejudicar a integridade e a independência nacionais, impedir, alterar ou subverter o funcionamento das instituições do Estado previstas na Constituição, forçar a autoridade pública a praticar um ato, a abster-se de o praticar ou a tolerar que se pratique, a intimidar certas pessoas ou grupos de pessoas ou a população em

geral (art.º 2º). Estes atos incluem crime contra a vida, a integridade física ou a liberdade de pessoas; crime contra a segurança dos transportes e das comunicações; crimes de produção dolosa de perigo comum; atos que destruam ou que impossibilitem o funcionamento ou desviem os seus fins normais, meios ou vias de comunicação, instalações de serviços públicos ou destinadas ao abastecimento e satisfação de necessidades vitais da população; investigação e desenvolvimento de armas; crimes que impliquem o emprego de energia nuclear, o recurso a armas de fogo, biológicas ou químicas, o uso de substâncias ou engenhos explosivos, meios incendiários de qualquer natureza, encomendas ou cartas armadilhadas, sempre que sejam suscetíveis de afetar gravemente o Estado ou a população.

A **Lei nº 60/2015 de 24 de junho** (LCT), a **Lei nº 118/2015, de 31 de agosto** (LCBCFT), a **Lei nº 17/2011 de 3 de maio**, e a **Lei nº 60/2015 de 24 de junho** (que criminaliza a apologia pública e as deslocações para a prática do crime de terrorismo), definem as penas aplicáveis neste âmbito (cf., Quadro 2).

**Quadro 2.** Penas definidas por práticas terroristas.

Crime	Penas
Fundar, aderir ou apoiar grupo terrorista	8 a 15 anos de prisão
Chefiar ou dirigir grupo terrorista	15 a 20 anos de prisão
Preparar constituição de grupo terrorista	1 a 8 anos de prisão
Praticar ato terrorista previsto no nº 1 do art.º 2º	2 a 10 anos de prisão
Difundir mensagem ao público incitando à prática de atos terroristas	1 a 5 anos de prisão
Recrutar outrem para a prática de atos terroristas	2 a 5 anos de prisão
Treinar ou instruir outrem sobre métodos e técnicas específicas para a prática de atos terroristas	2 a 5 anos de prisão
Utilizar comunicação eletrónica, acessível pela <i>internet</i> , para atos terroristas	1 a 6 anos de prisão
Recompensar, louvar outra pessoa, grupo ou organização através da utilização de comunicação social	Pena de prisão até 3 anos ou pena de multa até 360 dias
Tentar viajar para um território diferente do seu local de residência ou nacionalidade para aderir, treinar, apoiar logisticamente, instruir outrem e praticar atos terroristas	Até 5 anos de prisão
Fornecer, recolher ou deter fundos ou bens de qualquer tipo, bem como produtos ou direitos suscetíveis de ser transformados em fundos, com a intenção de serem utilizados no planeamento ou preparação ou para a prática de atos terroristas	8 a 15 anos de prisão

A pena pode ser especialmente atenuada ou não ter lugar a punição se o agente abandonar voluntariamente a sua atividade, afastar ou fizer diminuir consideravelmente o perigo por ela provocado, impedir que o resultado que a lei quer evitar se verifique, ou auxiliar concretamente na recolha de provas decisivas para a identificação ou captura de outros responsáveis.

A **Lei da Segurança Interna** (Lei nº 59/2015 de 24 de junho) aprova a definição, fins e princípios fundamentais da Segurança Interna; estabelece a política de Segurança Interna; estabelece a constituição dos órgãos de Segurança Interna e respetivas competências; regulamenta com mais pormenor o funcionamento da Unidade de Coordenação Antiterrorismo (UCA) e define forças e serviços de segurança, respetivas medidas e competências.

A **Lei de Defesa Nacional** (Lei nº 31-A/2009 de 7 de julho) estabelece os objetivos para garantir a soberania do Estado, a independência Nacional e a integridade territorial de Portugal e assegurar a liberdade e a segurança das populações e a proteção dos valores fundamentais da ordem constitucional contra qualquer agressão ou ameaças externas. Define ainda os princípios gerais da independência nacional e da igualdade dos Estados, o respeito pelos direitos humanos e pelo direito internacional e a resolução pacífica dos conflitos internacionais e contribui para a segurança, a estabilidade e a paz internacionais.

A **Unidade Nacional Contra o Terrorismo** (UNCT) tem competências em matéria de prevenção, deteção, investigação criminal e de coadjuvação das autoridades judiciais relativamente aos seguintes crimes: Organizações terroristas e terrorismo; contra a segurança do Estado, com exceção dos que respeitem ao processo eleitoral; captura ou atentado à segurança de transporte por ar, água, caminho-de-ferro ou de transporte rodoviário a que corresponda, em abstrato, pena igual ou superior a 8 anos de prisão; executados com bombas, granadas, matérias ou engenhos explosivos, armas de fogo e objetos armadilhados, armas nucleares, químicas ou radioativas; praticados contra o Presidente da República, o Presidente da Assembleia da República, o Primeiro-Ministro, os presidentes dos tribunais superiores e o Procurador-Geral da República, no exercício das suas funções ou por causa delas e relacionados com os referidos nas alíneas anteriores. Compete, ainda, à UNCT a prevenção, deteção, investigação criminal e de coadjuvação das autoridades judiciais dos seguintes crimes: escravidão, sequestro, rapto e tomada de reféns; contra a identidade cultural e integridade pessoal e os previstos na Lei Penal Relativa às Violações do Direito Internacional Humanitário, roubo em instituições de crédito, repartições da Fazenda Pública e correios; participação em motim armado; tráfico de armas e relacionados com os referidos nas alíneas anteriores.

Em suma, as novidades na legislação portuguesa agrupam-se em quatro aspetos fundamentais:

- **Novos ilícitos criminais:** criminalização da apologia do terrorismo, nomeadamente através da internet e das redes sociais e criminalização de atos terroristas que visem outro Estado que não a República Portuguesa ou uma organização internacional;
- **Reforço dos poderes dos serviços de informações,** através do acesso a dados bancários e fiscais: o SIS e o SIED passaram a ter acesso legal às contas bancárias e aos rendimentos e património declarado ao fisco de cidadãos que sejam declarados suspeitos de apoio a organizações terroristas ou de ações terroristas. O objetivo desta medida visa identificar canais de financiamento das organizações terroristas e até a instalação de bases de recuo em Portugal para acolher temporariamente eventuais terroristas em trânsito para os países onde pretendem atuar;
- **Reforço dos poderes de investigação criminal,** através de ações encobertas alargadas: a Polícia Judiciária, que tem a competência exclusiva da investigação criminal de suspeitas de terrorismo, passa a ter direito, com a devida autorização das autoridades judiciais, a realizar ações

encobertas em todos os inquéritos que visem ilícitos criminais que se relacionem direta ou indiretamente com suspeitas de atos terroristas.

- **Expulsões e concessão de nacionalidade:** foi flexibilizado o regime de entrada, permanência, saída e expulsão de cidadãos estrangeiros do território nacional, agilizando os mecanismos para o cancelamento de vistos, assim como a aplicação da pena acessória de expulsão do país. Em termos de concessão de nacionalidade, passou a ser necessário verificar se o cidadão interessado não constitui perigo ou ameaça para a segurança nacional.

## 4. O TERRORISMO DO PONTO DE VISTA DAS VÍTIMAS: IMPACTO E CONSEQUÊNCIAS

*Depois de um ataque terrorista, o impacto produzido na pessoa afetada, quer seja sobrevivente (vítima direta), quer seja a família ou os parentes dos falecidos (vítimas indiretas), pode produzir diferente sintomatologia. Por isso, é necessário especificar as diferentes reações para depois intervir de forma específica com cada um.*

Tendo em consideração o ponto de vista das vítimas, o terrorismo pode ser definido de duas formas: terrorismo direcionado ou terrorismo indiscriminado.

O **terrorismo direcionado** tem como alvo, vítimas escolhidas, apontadas por uma razão precisa: ou porque o seu aniquilamento convém a uma determinada organização terrorista ou porque constituem um grupo cuja destruição pode ser vista como uma mensagem ou como símbolo pela sociedade (e.g., um grupo de pacifistas, um grupo político), procurando intimidar a comunidade ou um grupo específico, ou forçar a tomada de determinadas decisões políticas.

O **terrorismo indiscriminado** atinge qualquer pessoa que esteja no lugar errado, à hora errada, isto é, as vítimas são pessoas dizimadas por um ato terrorista sem terem qualquer relação com o terrorismo (e.g., uma multidão num estádio desportivo, um grupo de passageiros no metropolitano, os habitantes de um edifício atingido por um avião desviado por um terrorista suicida).

No entanto, existem outras tipologias, como a apresentada de seguida.

### 4.1. As vítimas primárias e as vítimas secundárias dos atos terroristas

Schmit (2004) elaborou a seguinte tipologia para as **vítimas primárias** ou **vítimas diretas** dos atos terroristas:

1. Pessoas que são mortas por terroristas raptos, sequestradores de reféns, atiradores ou bombistas;
2. Pessoas que são feridas, mutiladas ou torturadas psicologicamente por terroristas, sendo depois libertadas;
3. Pessoas que são feridas ou mortas às mãos dos terroristas durante uma operação de resgate, ou mesmo às mãos das autoridades (acidentalmente, ou para evitar consequências de maior espectro, como a morte de mais vítimas);
4. Pessoas que ficam física ou mentalmente incapacitadas, ou que se suicidam como consequência de severos atos terroristas, nos quais estiveram implicadas, ou dos quais foram testemunhas diretas.

Teve ainda em conta as **vítimas secundárias, indiretas** ou **vicariantes**: pessoas próximas da vítima direta (e.g., familiares, dependentes, amigos e colegas); pessoas cujos nomes aparecem nas listas de mortos após um ato terrorista; pessoas que têm motivos para temer que possam ser vitimadas no futuro; profissionais de primeira linha ou de resposta de emergência a um ato terrorista (e.g., bombeiros, médicos, agentes policiais) que ficam traumatizadas ou em *burnout*; pessoas que sofrem perdas de rendimento ou danos patrimoniais devido a atos terroristas; pessoas cujo estilo de vida normal foi alterado devido a ameaças de terroristas ou à aplicação de medidas de luta contra o terrorismo. O presente estudo irá incidir sobre estas últimas.

## 4.2. Efeitos dos atos terroristas nas vítimas

Para além das consequências de atos terroristas ao nível da integridade física (e.g., graves ferimentos, mutilação de membros, incapacidade, profunda alteração da saúde), as vítimas sofrem diversos efeitos, descritos na literatura especializada e presentes no conhecimento diário dos serviços públicos e das organizações não-governamentais que lhes prestam apoio.

Entre estes efeitos citam-se:

- Consequências ao nível psicológico, semelhantes às que são sofridas por outras vítimas de crime, mas de grande magnitude (e.g., perturbação de stress pós-traumático);
- Consequências ao nível emocional/perda de entes amados/ luto;
- Consequências ao nível económico-social: ampla perda material e prejuízo financeiro causado na vida de muitas vítimas de terrorismo (e.g., perda de emprego devido a incapacidade).

Existem grupos de risco propensos à instalação de efeitos perturbadores dos atos terroristas, que são descritos no Quadro 3.



**Quadro 3.** Grupos de risco, vulneráveis a efeitos do terrorismo.

As <b>pessoas com perturbações psiquiátricas</b> anteriores à vitimação.
As <b>mulheres</b> que têm mais probabilidade de desenvolver PSPT e com maior tempo de prevalência do que os homens.
As <b>crianças</b> e os <b>adolescentes</b> , sendo que um elevado grau de exposição, ou um longo período de exposição ao terrorismo tem efeitos semelhantes aos adultos. <i>As crianças são mais propensas a serem gravemente afetadas pelo terrorismo do que os adultos, mesmo que expostas indiretamente, possivelmente devido à sua imaturidade cognitiva e emocional. O estudo da forma como estas lidam com estes eventos tem particular pertinência porque os acontecimentos traumáticos vividos na infância e adolescência influenciam a vida adulta. Os estudos efetuados neste domínio concluíram que as crianças expostas ao terrorismo podem padecer de perturbações físicas, mentais e comportamentais. É frequente encontrar nas crianças expostas ao terrorismo: perturbação de stress pós-traumático; sintomas comportamentais e emocionais; problemas de sono; problemas no jogo e na brincadeira; sintomas psicossomáticos.</i>
As <b>minorias</b> , por dificuldades em recorrer aos serviços de apoio disponíveis, por não dominarem a língua do país e por especificidades culturais e/ou religiosas não que não são respeitadas
Os <b>profissionais que intervêm no apoio a vítimas</b> de terrorismo, que podem sofrer efeitos vicariantes que afeta o seu equilíbrio emocional

A **parentalidade** acarreta muitas alegrias e preocupações. Quando as crianças experimentam eventos adversos, a saúde dos seus pais pode ser afetada. Por exemplo, a literatura tem demonstrado que as doenças da infância têm impacto na saúde psicológica dos pais, e que a perda de um filho pode ser associada com a morte prematura destes. Assim, quando uma criança é exposta a um evento traumático, como um desastre ou um ataque terrorista, os pais podem sentir-se intensamente chocados ou aterrorizados. A imprevisibilidade de uma ameaça pode manter os pais em alerta para o perigo muito tempo após o restabelecimento da segurança física, causando sofrimento, perturbações do sono, défice de concentração, etc. Além disso, os pais podem sentir que falharam por não manterem os seus filhos longe do perigo experimentando sentimentos de culpa. Estas emoções negativas, juntamente com a preocupação sobre a capacidade dos seus filhos para gerirem a experiência traumática pode induzir ou manter sintomas de *stress* pós-traumático.

Além disso, os pais podem ser confrontados com desafios na gestão da angústia traumática, de lesões físicas, de dor, ou do reduzido nível de funcionamento dos seus filhos, decorrentes da exposição a atos terroristas. Acresce ainda a possibilidade de os pais se sentirem menos competentes (enquanto pais) por perceberem que não estão a satisfazer as necessidades dos seus filhos.

Em suma, A experiência de apoio às vítimas de terrorismo e a literatura científica existente obrigam a uma revitalização constante das reflexões em torno deste fenómeno complexo, bem como a uma formação adequada dos profissionais de modo a que estejam capacitados a dar resposta a um ato terrorista, apoiando as suas vítimas e/ou os seus familiares e/ou amigos.

### 4.3. O medo do crime

*Os sentimentos de insegurança que derivam de representações de que a sociedade portuguesa está cada vez mais violenta (...) não encontram sustentação nas probabilidades que um cidadão residente em Portugal tem de ser violentamente agredido, sexualmente molestado ou, no limite, assassinado.*

Ferreira, 1997

Outra das consequências que pode advir do terrorismo, e cuja abordagem é recente, é o chamado “medo do crime”.

Um dos fatores que condiciona “o medo em relação ao crime” é a **experiência de vitimação do indivíduo**. Ou seja, pode pensar-se que as pessoas que já foram vítimas de um ou vários crimes se encontram mais vulneráveis e, conseqüentemente têm maior receio do crime, e têm também opiniões mais pessimistas sobre a evolução da criminalidade.

A desorganização do espaço e a desordem social são manifestamente associadas ao crescimento urbano e à fragilidade da coesão comunitária. Com efeito, há autores que defendem que o medo do crime é, antes de mais, um *fenómeno urbano*, que pode ser visto como uma reação às incivildades locais como a fraca iluminação pública, o vandalismo, os edifícios encobertos, os jovens que permanecem nas esquinas, os alcoólicos, e outras manifestações de um ambiente hostil. A literatura acrescenta outros fatores correlacionados com o medo do crime, como a percepção de declínio moral ou ansiedades suscitadas por alterações nas comunidades de residência (como aquelas que são introduzidas pela imigração). Andrade (1992) também situa o fenómeno em contexto urbano, definindo-o como uma “construção psicológica difusa determinada por diferentes aspetos da vida urbana contemporânea”. Desta feita, considera que “a vulnerabilidade individual, isto é, o medo que subjetivamente as pessoas percebem, parece ser um fator importante na análise do medo do crime”. Refere ainda que “provavelmente o medo do crime é reforçado pelo medo de não se conseguir lidar com as consequências do crime (psicológicas, físicas, financeiras, suscitando o dilema pessoal da autonomia ou dependência de terceiros).

Para a desproporção entre a intensificação do medo do crime e o aumento real do risco dos cidadãos de serem vítimas de crime terá certamente contribuído, para além de uma certa manipulação do medo, a maior exposição pública do crime, dada pelos meios de comunicação social (e em particular pela televisão), bem como a sensibilidade acrescida dos cidadãos face a determinadas formas de violência (Caiado, 2013).

## 5. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA – Da escolha à pertinência

O terrorismo desde muito cedo se manifestou, mas actualmente tem tomado uma maior importância nos nossos dias. O terrorismo tem funcionado como potenciador de medo entre as populações, mas trata-se apenas de disputa de “poder” para as grandes potências que o praticam.

A falta de conhecimento sobre este tema faz com que surjam constantemente estereótipos, ideias pré-concebidas e situações discriminatórias sobre algumas culturas. Por isso, foi necessário realizar uma revisão teórica sobre o terrorismo, aprofundando a sua história de maneira a que seja possível a qualquer leitor, perceber e conhecer este tema, acabando com as ideologias populares e com falsas crenças. Fazendo com que de uma forma simplificada e multidisciplinar seja visível que o terrorismo não depende questões de etnia, não depende de questões religiosas, mas sim maioritariamente, de imposição de “poder”.

O nosso país não foi alvo de nenhum ataque recentemente, mas já foi por diversas vezes ameaçado por organizações terroristas, assistimos também, devido à rápida troca de informações que existe através das televisões e da internet dos violentos ataques que têm vindo a acontecer, é importante perceber a influência que isso tem no quotidiano.

Como os jovens actualmente têm constante acesso às informações que são lançadas nos meios de comunicação social e, como são menos conhecedores das causas dos acontecimentos que envolvem os ataques terroristas, foi o público alvo que foi escolhido para estudar.

É importante abordar temas relativos com o terrorismo porque é necessário entender que o este não acontece só na Europa, mas sim, por todo o mundo. A comunicação social, muitas das vezes intervém neste sentido fazendo com que, estejamos a ver o noticiário e, ignoremos tudo aquilo que eles tentam que nós. Por isso, é fundamental fazer os jovens e as suas famílias percebam que o terrorismo está presente e, que todos os países têm importância, não só aqueles que mais perto estão e que culturalmente mais se assemelham.

Esta questão é antropológica pois, de forma inata, só se dá importância e destaque a pessoas que estão perto ou com quem nos identifiquemos. Todos os dias, ocorrem milhares de mortes consequentes de ataques terroristas em países como o Iraque, a Síria e o Afeganistão mas, tem muito mais impacto um ataque ocorrido em Espanha porque culturalmente somos mais idênticos e pensamos involuntariamente que o próximo alvo poderemos ser nós.

## 6. OBJETIVOS

Os principais objetivos do presente estudo são:

- Identificar diferentes marcos históricos que contribuíram para a definição atual do terrorismo;
- Definir o terrorismo, através da identificação das características comuns às várias definições de terrorismo;
- Enquadrar o terrorismo do ponto de vista legal;
- Desmistificar as principais crenças acerca do fenómeno terrorista;
- Compreender a importância da realização de estudos científicos na área do terrorismo que sejam efetivos no combate a este fenómeno;
- Conhecer os contributos das várias teorias para a compreensão do fenómeno terrorista;
- Compreender as dificuldades enfrentadas pelos investigadores na criação de um único modelo explicativo do terrorismo;
- Definir o terrorismo do ponto de vista das vítimas;
- Distinguir vítimas primárias e vítimas secundárias;
- Conhecer os efeitos dos atos terroristas nas vítimas secundárias (através de inquéritos anónimos e de trabalho etnográfico);
- Discutir estratégias de prevenção que podem ser implementadas com adolescentes expostos secundariamente ao terrorismo.

### **Objetivos em cada local de observação**

Decidi observar locais semelhantes aos locais em que, noutros países, ocorreram atentados. Os aeroportos para observar o nervosismo inerente à utilização daquele meio de transporte. Tentei ouvir e ver se existiam alguns dados que indicassem relação com o terrorismo. Quer demonstração de medo de ataque, quer reação de medo causada pelas medidas antiterroristas.

A Rua Augusta é uma das principais ruas de Lisboa e uma das principais ruas de Portugal. Em semelhança ao recente atentado em Barcelona tentei observar, depois dele ter ocorrido, se existiam alguns receios, algumas preocupações e, se isso era ou não tema de conversa. Posteriormente, tentei realizar as mesmas observações em três locais com menos população local e, com menos turistas.

Na Rua Henriques Nogueira, em Torres Vedras, realizei as observações junto de uma escola que se encontra nessa mesma rua. O objetivo foi avaliar os comportamentos dos jovens e das suas famílias na consequência do atentado em Inglaterra, Manchester.

Na Rua Alfredo da Silva, observei comportamentos relacionados com os tempos livres em família e, com a passagem dos jovens para as escolas ou para as suas actividades. O ponto de observação fica localizado no centro da cidade e, o facto de estar localizado um jardim de infância nessa mesma rua, faz com que muitas das famílias ao fim do dia se desloquem. Tentei verificar se o comportamento de controlo sobre os seus filhos era comum com ou sem excesso e, tentei aperceber-se se existiam medias mais cuidadas do que as que existem por padrão da nossa sociedade.

Por último, tentei registar a observação dos comportamentos em Chelo, pequena aldeia pertencente a Coimbra. Tentei verificar se haviam diferenças de comportamento relacionadas com segurança, entre os jovens e, entre famílias. Estas avaliações eram realizadas a porta de um pavilhão desportivo que se localiza logo na entrada da Aldeia.

## 7. METODOLOGIA

### 7.1. Questionários

Os questionários foram realizados no contexto de uma prova desportiva de basquetebol em Albufeira, com mais de quinze associações desportivas de todo o país. Foram incluídas no estudo apenas 10 associações, sendo que cada uma delas contava com 12 rapazes e 12 raparigas. O estudo realizou-se entre 08 de abril de 2017 e 11 de abril de 2017. Através da aplicação de um questionário construído especificamente para esta investigação e, após a revisão da literatura sobre os efeitos da exposição aos atos terroristas.

A Comissão de Ética e o Gabinete de Estudos Avançados da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, bem como o Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol emitiram parecer favorável à realização do estudo. Foi solicitada autorização aos pais dos jovens para que estes integrassem o estudo apesar de serem anónimos, apenas com dois dados sobre os atletas (o género e a associação a que pertenciam).

A recolha e análise dos dados foram efetuadas de forma a garantir o anonimato dos jovens e a confidencialidade dos mesmos.

### 7.2. Trabalho etnográfico

O trabalho etnográfico é um método que pode ser direto ou indireto utilizado por antropólogos com o objetivo de recolher dados importantes para um determinado trabalho. A palavra etnografia descende do grego e significa nação e povo. Este método insere-se na corrente filosófica do Interpretivismo e é baseado na relação entre o antropólogo e o seu objeto. Para realizar trabalho etnográfico é fundamental executar um bom trabalho de campo pois, é através dele que se consegue estabelecer as relações necessárias. O tipo de trabalho de campo pode variar consoante o grupo social a ser estudado. Se por exemplo, estivermos a estudar um grupo indígena e o seu sistema de organização familiar, o trabalho terá de ser longo e intenso, chegando até 2 anos de observações.

Bronislaw Malinowski, desenvolveu um trabalho muito conhecido, não só entre os antropólogos, “*Argonautas do Pacífico*” e, neste trabalho propôs uma nova forma de etnografia, o trabalho de observação participante já existindo a não participante. A primeira tem por base a convivência, onde o antropólogo aproxima-se do grupo social e começa a interagir com ele de forma a entender tudo o envolve e determina o grupo. Fazendo com que ele próprio se torne um deles de modo a conseguir entender até as diferentes maneiras de raciocínio. Por outro lado, o trabalho etnográfico de observação não participante, como o próprio nome indica, não depende de qualquer relacionamento do antropólogo

com o seu objeto. O profissional realiza todas as suas observações de fora, observando comportamentos, atitudes e diferentes temáticas do trabalho descrito acima. Aqui, o antropólogo apenas regista o que observa tendo a obrigações de não tirar quaisquer ilações ou juízos de valor com base nas suas opiniões pessoais. Tem de ser isento de ponto de vista.

Estas técnicas que pertencem a Antropologia Social onde consiste na relação direta da realidade onde o grupo social está inserido. O seu principal problema é a dificuldade encontrada pela generalização de resultados.

O trabalho de observação não participante, pode ser realizado num local à escolha, de preferência num espaço público pois, não requer assim a necessidade de autorizações ou protocolos especiais. O antropólogo neste tipo de observação não participante, funciona como um observador exterior não podendo ter nenhuma interação no decorrer das situações que observa, não podendo assim interagir com os atores sociais presentes. Os principais objetivos aquando são realizadas as observações passam por, focalizar os vários tipos de interações sociais, tendo uma especial atenção às formas de comunicação verbal e não verbal tendo em conta aquilo que o “não verbal” por vezes, revela. Podíamos caracterizar estas observações de diferentes modos, mas o facto de se realizarem num ambiente natural fornecem mais informações do que em laboratório bem como o registo de atitudes espontâneas e verdadeiras, que não são influenciadas pois, os atores sociais não sabem que estão a ser observados. É necessário explicar a organização do espaço escolhido, bem como a intensidade e duração das interações que nele ocorrem.

Os locais estudados para realizar esta observação não participante foram a Rua Augusta (situada em Lisboa), o Aeroporto de Lisboa, o Aeroporto do Porto, Rua Henriques Nogueira (situada em Torres Vedras), a Rua Alfredo da Silva (situada no Barreiro) e, Chelo (situado em Coimbra). O tempo total observação foram 70 horas, divididas em 5 dias para cada local de observação passando 10 horas em cada um deles (2 horas diárias, sempre das 18h às 20h).

### Descrição do local

A Rua Augusta é uma das principais ruas de Lisboa, sem trânsito a circular, apenas algumas ruas perpendiculares que a intercetam. No Aeroporto de Lisboa o trabalho foi realizado na zona das partidas, zona frequentada por muitas famílias que ou vão viajar juntas ou se vão despedir de algum familiar. No Aeroporto do Porto o trabalho foi realizado na zona das chegadas, zona frequentada por muitas famílias chegam de viagem juntas ou que vão esperar algum familiar. Na Rua Henriques Nogueira Rua que contempla uma escola, sitio propicio a se reunirem muitas famílias e adolescentes. Na Rua Alfredo da Silva foi realizado no centro da cidade, perto do mercado Municipal pois, é local de circulação de muitas famí-

lias. Existe também um parque infantil e um espaço público onde habitualmente se encontram diversas famílias. Em Chelo, bairro perto de Penacova, o local de observação foi perto de um pavilhão desportivo onde, diariamente existem treinos com jovens e, onde as suas famílias se deslocam ou estão sempre presentes.



## 8. PROCEDIMENTOS

Para o enquadramento histórico, concetual e legal do terrorismo, foi realizada uma extensa revisão da literatura, através de pesquisas efetuadas em bases de dados como a PubMed (Medline), a PsychINFO e a b-on. Os termos pesquisados foram “*terrorism*”, “*terrorist*”, “*victims of terrorism*”, “*terrorism impact*”, “*fear of crime*” e “*terrorism assumptions*”.

Esta revisão, apesar de crucial para a análise preliminar e seleção das variáveis em estudo, revelou-se insuficiente, dada a escassez de publicações sobre este fenómeno. Por essa razão, frequentaram-se dois cursos e-learning: “*Terrorism and counterterrorism: Comparing theory and practice*”, lecionado pela Universidade de Leiden<sup>5</sup>, e “*Terrorismo e contraterrorismo*”, lecionado por uma empresa privada<sup>6</sup>.

### 8.1 Questionários:

As variáveis relativas aos dados demográficos (das potenciais vítimas secundárias) incluíram apenas a idade, o sexo e o local de residência.

Os dados foram recolhidos de acordo com os seguintes **critérios de inclusão**:

- Idade compreendida entre os 9 e os 16 anos;
- Escolaridade do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos);
- Consentimento favorável à integração no estudo por parte dos progenitores/tutores legais.

Foram **excluídos** os seguintes casos:

- Crianças que, com 9 anos, ainda integram o 4º ano de escolaridade (Ensino Básico);
- Jovens que, com 16 anos, já integram o 10º ano de escolaridade (Ensino Secundário).
- Consentimento desfavorável à integração do estudo por parte dos progenitores/tutores legais, ou que por qualquer razão não foi entregue assinado.

Todos os sujeitos preencheram um questionário construído especificamente para o estudo.

---

<sup>5</sup> Através da plataforma *Coursera*, e cujos conteúdos programáticos incluíam: (i) Definition and essence of terrorism; (ii) Researching terrorism and counterterrorism; (iii) Assumptions on terrorism; (iv) Assumptions on counterterrorism; (v) Dealing with terrorism and the future; (vi) Making headlines today - Foreign fighters.

<sup>6</sup> Através da plataforma moodle da Peritia – Serviços de Psicologia e Ciências Forenses, LDA., com os seguintes módulos certificados pelo SIGO (Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa): (1) A história do terrorismo, (2) A definição do terrorismo, (3) Enquadramento legal do terrorismo, (4) Assunções sobre o terrorismo, (5) O perfil do terrorista, (6) Teorias explicativas do terrorismo, (7) O impacto do terrorismo, (8) Assunções sobre o contraterrorismo e (9) As novas formas de terrorismo: O bioterrorismo e o ciberterrorismo.

## 8.2 Trabalho etnográfico método indireto

As variáveis relativas aos dados demográficos (das potenciais vítimas secundárias) incluíram o local de residência e, referência a alguns comentários e comportamentos que sejam relevantes para o estudo.

Os dados foram recolhidos de acordo com os seguintes **critérios de inclusão**:

- Idade compreendida entre os 9 e os 16 anos;
- Adultos acompanhados de 1 ou mais crianças;
- Escolaridade do Ensino Básico (7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> anos);

Foram **excluídos** os seguintes casos:

- Crianças que tenham comportamentos desadequados, como isolamento ou distúrbio que não o deixe ter noção da realidade, visivelmente preceptivo.

Todos os sujeitos que já sabiam especificamente da ocorrência do estudo.

## 9. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

### 9.1 Questionários

Foram analisados 240 questionários, com um total de 240 participantes. Na Tabela 1 encontram-se descritas as características da amostra recolhida.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra (N=240).

Variável		N	%
Sexo	Masculino	120	50.0 %
	Feminino	120	50.0 %
	<b>Total</b>	240	100%
Localidade	Porto	24	10.0 %
	Braga	24	10.0 %
	Aveiro	24	10.0 %
	Leiria	24	10.0 %
	Lisboa	24	10.0 %
	Setúbal	24	10.0 %
	Beja	24	10.0 %
	Faro	24	10.0 %
	Ponta Delgada	24	10.0 %
	Funchal	24	10.0 %
<b>Total</b>		240	100%

Os dados foram analisados através do SPSS (*Statistical Package for Social Sciences, SPSS Inc.*) para o Windows (versão 19.0). As variáveis consideradas como tendo impacto na vítima (i.e., imagens dos atos terroristas mostrados na televisão, consciência do que acontece nos atos terroristas através da televisão, medo de ser vítima de terrorismo que afeta a vida quotidiana e crença sobre Portugal ser alvo de um ato terrorista), foram correlacionadas uma a uma entre si. Foi utilizada a correlação bivariada, através do coeficiente de correlação de Pearson. A significância estatística situou-se ao nível 0.05.

## 9.2 Trabalho etnográfico

A caracterização da amostra observada é bastante idêntica à da amostra dos inquiridos. Idades compreendidas dentro da mesma faixa etária e, ambos os géneros. Por vezes, foram observadas também famílias (pais e mães), em contextos excecionais e só quando era algo extremamente necessário para o tema do trabalho.

Por vezes, crianças em grupo, em família ou sozinhos, mas sempre com comportamentos interessantes de serem estudados que envolvam os parâmetros referenciados acima diagnosticados pela parte que refere a área da psiquiatria/psicologia.

## 10. RESULTADOS

### Questionários.

Na amostra recolhida, 120 são do sexo feminino (50%) e 120 do sexo masculino (50%) (cf., Tabela 1). Em termos de local de residência, cada um dos locais (Porto, Braga, Aveiro, Leiria, Lisboa, Setúbal, Beja, Faro, Ponta Delgada e Funchal) teve integrado 24 crianças/jovens (10% da amostra, para cada local).

Nesta amostra, 59,6 % das crianças/jovens (N=143) pensa sobre o terrorismo no seu dia-a-dia e 69,6% (N=167) sentem que medo de ser apanhado no meio de um ato terrorista afeta a sua vida e dos seus familiares. No entanto, 60% (N=144) não se considera como uma vítima secundária do terrorismo (cf., Tabela 2) e 49,2 % (N=118), não considera os profissionais de saúde que atuam nos cenários de atos terroristas também como vítimas secundárias.

Tabela 2.

Variável	Resposta	N	%
<b>Medo_Terrorismo</b>	Sim	167	69,6 %
	Não	72	30,0 %
	Não Resposta	1	0,4%
	<b>Total</b>	240	100%
<b>Pensamento Terrorismo</b>	Sim	143	59,6 %
	Não	97	40,4 %
	<b>Total</b>	240	100%
<b>Vitimas secundárias</b>	Sim	96	40 %
	Não	144	60 %
	<b>Total</b>	240	100%
<b>Profissionais Vítimas</b>	Sim	122	50,8 %
	Não	118	49,2 %
	<b>Total</b>	240	100%
<b>Imagens TV</b>	Sim	131	54,6 %
	Não	109	45,4 %
	<b>Total</b>	240	100%

Apesar de não ser objeto do presente estudo, considerou-se pertinente questionar superficialmente as crianças/jovens que integraram a amostra sobre o terrorismo e perfil do terrorista. Assim, verificou-se que mais de metade das crianças (N=129, 53.3%) considera que um terrorista é um doente mental, que se tornou terrorista porque foi abandonado/raptado em criança (N=69, 28.8%) e que é alguém com baixo poder económico (N=29, 12.1%). Acresce que a quase totalidade da amostra (N=239, 99.6%) considera que não é possível acabar com o terrorismo. (cf., Tabela 3).

**Tabela 3.** Estudos sobre as assunções do terrorismo.

Assunção sobre o terrorismo	Resposta	N	%
<b>Perfil do terrorista</b>	Doente mental	129	53,8%
	Com baixo poder económico	29	12,1%
	Com baixo nível de escolaridade	13	5,4%
	Criança abandonada/raptada	69	28,8%
	<b>Total</b>	240	100%
<b>Fim do terrorismo</b>	Sim	1	0,4
	Não	239	99,6
	<b>Total</b>	240	100%

Na tabela 4 verificamos correlações significativas entre as variáveis estudadas. Foi importante conseguir estabelecer algumas ligações entre as variáveis estudadas pois, conseguimos assim ter conclusões diretas.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as imagens mostradas na televisão e o medo de ser apanhado num atentado terrorista ( $r=-,138$ ,  $p<=.05$ ). Entre Portugal vir a sofrer um atentado e as imagens que são mostradas diariamente ( $r=-,154$ ,  $p<=.05$ ). Também se verificou diferenças estatísticas entre Portugal vir a sofrer ataque terrorista e o pensamento sobre o terrorismo no dia-a-dia ( $r=-,137$ ,  $p<=.05$ ). Por último, verificou-se relação entre o pensamento sobre o terrorismo no dia-a-dia e o medo do terrorismo ( $r=-,133$ ,  $p<=.05$ ).

**Tabela 4.** Correlações significativas entre as variáveis em estudo.

	r	Sign. (2-tailed)	N
Imagens mostradas na TV Medo_Terrorismo	-,138*	,033	240
Imagens mostradas na TV Profissionais de saúde vítimas de atentado terrorista	-,161*	,013	240
Sexo Ser vítima secundária de terrorismo	-,204**	,001	240
Sexo Medo do terrorismo	-,230**	,000	240
Portugal vir a sofrer ataque terrorista Imagens mostradas na TV	-,154*	,017	240
Portugal vir a sofrer ataque terrorista Pensamento sobre o terrorismo no dia-a-dia	,137*	,034	240
Pensamento sobre o terrorismo no dia-a-dia Medo_terrorismo	,133*	,039	240

\* Correlação significativa ao nível 0.05 (2-tailed).

\*\* Correlação significativa ao nível 0.01 (2-tailed).

## Trabalho etnográfico método indireto.

As conclusões tiradas após a observação dos 6 lugares observados são bastante interessantes e vão de acordo com os resultados obtidos nos questionários. Existe uma alteração comportamental após a ocorrência de um atentado na Europa. Os atores sociais mais adultos, tendem a aumentar o controlo para com as suas crianças com medo que ocorra algum tipo de ataque. Os jovens, sempre que se verifica um registo na europa, fazem disso assunto constante e, por vezes utilizam estes assuntos para atormentar outros jovens. Nesta atitude, verificamos que há a perceção de que o terrorismo é um fenómeno violento e negativo pois, isso é utilizado de forma a intimidar um outro jovem.

De todos os atentados que se realizaram na europa durante o período da investigação, o espaço de tempo onde conseguimos tirar, mas ilações dos comportamentos entre jovens e, entre pais e filhos, foi quando ocorreu o atentado em Manchester, no concerto da Ariana Grande. Este atentado foi uma dupla explosão (segundo o GTI – “*bombing/explosion 43.2%*”, é a maior causa de atentados atualmente), que afetou crianças, jovens e pais. Após este atentado ocorrer no dia 22 de maio, desloquei-me à Rua Henriques Nogueira nos dias 23,24, 25, 26,27 de maio e localizei-me perto de uma Escola pública (mesmo durante o fim de semana). Foquei-me em observar a relação existente entre os jovens e, entre os pais dos jovens com os mesmos. Durante 3 dias, todos os comentários existentes envolviam esta temática. Na europa, nenhum atentado tinha ocorrido tão perto da faixa etária estudada por mim e, este, funcionou como catalisador para o medo.

Os pais, comentavam constantemente notícias e atualizações sobre o ataque e, assim que os filhos chegavam perto deles, havia uma pergunta de curiosidade sobre o tema dos jovens pais os adultos. Por sua vez, verificou-se uma demonstração de afeto por parte dos adultos que criou um certo embaraço nos jovens.

Ocorreu uma situação no dia 26 de maio, que será a primeira de duas a ser abordada aqui porque parece-me ser a mais completa e reveladora de como a maior parte dos atores sociais reage involuntariamente e, se tornam vítimas indiretas, sem o saberem. Um grupo de 6 jovens, 3 rapazes e 3 raparigas, estavam a porta da escola á espera dos seus encarregados de educação. Um dos jovens do sexo masculino estava constantemente a tentar provocar uma das jovens que se encontrava no mesmo grupo de amigos e, para o conseguir, imitava o som de bombas a explodir e, com o barulho, surgia sempre contato entre ambos. A rapariga ao início, começou por se assustar, mas posteriormente já estaria preparada para tal brincadeira. Começou por lhe dizer que os pais, não a iam deixar ir aos festivais de verão pois, achavam que a probabilidade de acontecer o mesmo em Portugal seria grande. O tema foi desenvolvendo e, todos eles perceberam que os pais, tomaram uma atitude defensiva. Uma das jovens dizia que iria tentar mostrar aos pais que esses ataques apresentam um carácter de instabilidade, mas que,

como a cantora do atentado dizia *“não podemos deixar de viver a nossa vida”*. Os jovens foram conversando sobre o tema, até que a mãe do rapaz, que estava a brincar com a situação chegou e, antes mesmo de dizer a saudação referiu *“vocês não deveriam estar dentro dos portões da escola? Não sabem que depois do que aconteceu em Inglaterra isto é um comportamento de risco?”*. Tirando a jovem que referiu a opinião da cantora acima descrita, todos os outros concordaram, mostrando-se preocupados a partido desse momento. Outro dos rapazes, perguntou á mãe do amigo se havia assim tanta probabilidade de acontecer um atentado em Torres vedras e, automaticamente começaram todos a afirmar que Portugal já teria sido ameaçado e que estava para breve. Esta conversa demorou 22 minutos e, terminou com outra das raparigas a afirmar que tinha uma viagem dos escoteiros nesse fim de semana e, que não queria ir. A única jovem que defendeu que se devia continuar a viver a vida normal, foi considerada por todos como irresponsável. Quando estavam a despedir-se, por coincidência uma criança rebentou um balão e, por momentos o pânico instalou-se. Todos estes comportamentos são indicativos de medo e, de instabilidade. Mostram que, apesar de o atentado não ter ocorrido em Portugal, os jovens e os pais sentiram uma grande ameaça.

No dia 25 de maio, um dia antes desta observação, verifiquei que existia uma saída em visita de estudo para 3 turmas. Quando o professor começou a fazer o controlo de presenças, verificou que faltavam quase metade das crianças que tinham confirmado que iriam estar presentes. Quando contactou os pais dos meninos, recebeu a informação que por causa do atentado as crianças não iriam participar na visita de estudo. O professor ficou incrédulo e, quando se preparava para sair com as carrinhas aparece o pai de uma das crianças a correr, deixando o carro mal-estacionado em frente ao autocarro. Este pai, dirigiu-se ao professor, perguntou pela filha e afirmou que a criança tinha ligado a chorar a pedir para não ir porque *“tinha medo de morrer como aconteceu com os outros meninos que foram ao concerto”*. Quando deram pela criança no autocarro, estava a chorar, sentada no lugar que o professor indicou. Estes são apenas dois episódios de muitos que se poderiam referir, mas são bastante elucidativos do que encontrei após a ocorrência dos atentados. Não podemos afirmar que o medo se manteve, mas podemos referir que o medo existiu.

Este atentado gerou muitas mais reações, mas, diariamente morrem crianças em países como o Iraque e a Síria e, passam completamente em paralelo nas nossas vidas. A proximidade cultural é algo que cada vez se verifica mais.

Nas observações referentes à rua Augusta, realizei observação não participante no período a seguir ao atentado que ocorreu numa das ruas de Barcelona. No dia 21 de agosto, o governo português começou a implementar novas medidas de segurança para aquele local especificamente bem como, para outros pontos da cidade. Eu encontrava-me junto a interceção da Rua Augusta com a Rua do Co-

mércio. Teria ocorrido um atentado por atropelamento nas ruas de Barcelona e, por isso realizou-se a colocação de pinos que impediam a entrada de um carro numa das nossas ruas principais. Naquele local encontram-se muitos turistas, mas, também muitas pessoas que se dirigem para os seus trabalhos. O que verifiquei foi tanto por parte dos turistas como dos portugueses, existia muita curiosidade em perceber o que estava a ocorrer, mas quando entendiam todos eles concordavam e, expressavam-se como estando mais aliviados. Surgiam comentários como *“Portugal é um país que aprende com os erros”, “aqui já não atropelam ninguém”, “é por isto que quero voltar para o ano para Portugal”* e, por último um episódio relativo a esta observação que demonstra mais uma vez que o medo está presente em grande parte das pessoas que cruzavam aquele espaço. Uma família passou a estrada na passadeira, imediatamente após o sinal ficar verde para os piões. A família encontrava-se representada por um Senhor de meia idade, uma senhora também de meia idade e duas filhas ainda jovens. Chamaram-me a atenção desde o início pela curiosidade demonstrada por uma das jovens ao perguntar a mãe o que estavam a colocar naquele lugar. Os pais, estavam também muito curiosos e distraídos, tanto que o senhor embateu contra um dos pilares sem reparar e ficou bastante queixoso. A entidade policial que estava a acompanhar a obra descolocou-se para saber se era necessário auxílio. Quando chegou foi confrontado com uma expressão de completo desagrado por parte dos adultos, afirmado que *“em Portugal não se faz nada de jeito e, só se gasta dinheiro com coisas fúteis”*. A entidade policial explicou que as obras eram medidas preventivas contra o terrorismo e, assim que acabou de falar, o senhor que estaria magoado com a pancada, agarrou-se ao pescoço da autoridade a agradecer e a pedir desculpa dizendo repetitivamente *“não é por mim que lhe estou a agradecer, é pela segurança das minhas filhas”*. A senhora mais emotiva, começou a lacrimejar afirmando *“nós hoje ponderamos em não vir passear com as meninas, mas assim, já estamos um bocadinho mais seguros. Pode acontecer muitas mais coisas, mas é bom saber que ainda existem atitudes destas”*. Estes comportamentos excessivos mostram que o medo afeta diariamente algumas famílias e alguns jovens. Através desta observação não podemos aferir se são mais do que a maioria porque é um método descritivo e não quantitativo, mas quando convivemos com a população em ambiente natural, não controlado nem influenciado, verificamos reações espontâneas que nos mostram que o medo está presente. A observação foi composta por muitas horas de trabalho etnográfico, e estes são os resultados obtidos. O medo de ser apanhado num atentado está presente, bem como os comportamentos defensivos e as atitudes inconscientes. Porém, existem sempre jovens e adultos que escolhem enfrentar os momentos de frente, não deixando de viver. Não podemos afirmar que eles não sentem medo, apenas decidem enfrenta-lo. As conclusões do trabalho etnográfico método indireto foram interpretadas e, concluímos que num período após atentado na europa, existe um comportamento de vítima indireta ao terrorismo por parte dos jovens.



## 11. DISCUSSÃO

O estudo do terrorismo é algo que ainda tem muito para se desenvolver e, cada vez é mais importante que aconteça. Está em constante atualização por parte de quem estuda este tema, mas quando chegamos perto da população verificamos que o senso comum ainda é bastante desatualizado para o século em que nos encontramos.

Existem muitas crenças relativas ao estado psicológico do terrorista, bem como ao seu estado socioeconómico que precisam de ser retificadas e explicadas. Isto é, o comportamento terrorista é presumivelmente determinado por uma combinação de fatores inerentes ao indivíduo, biológicos, cognitivos, temperamentais, ambientais e comportamentos sociais e de grupo. Os terroristas são um grupo psicologicamente diferente sendo que todos eles têm motivações as suas próprias motivações e, os seus traços psicossociais individualizados.

Muitas pessoas ainda consideram que o terrorismo nasceu com o atentado de 11 de setembro de 2001 quando há indícios de terrorismo no ano 48 a.C. Existem muitas outras assunções para serem desmistificadas e foi o que tentamos fazer ao longo desta dissertação.

Percebemos que o terrorismo ainda é um tema tabu e, por isso quando surge a necessidade de ser abordado junto de jovens, existe sempre alguma resistência por parte dos adultos responsáveis. O que pode ser terrível pois, é necessário falar sobre os temas para conseguirmos evoluir o pensamento social. E, quanto mais escondemos algo, mais os jovens pesquisam por si só e, mais assunções erradas podem surgir.

Realizei um estudo duplo, juntando questionários e trabalho etnográfico de observação não participante ou indireta, para tentar concluir se os jovens poderiam ser considerados vítimas indiretas do terrorismo. Os questionários foram realizados a 240 jovens, mas apesar de a amostra ser um pouco por todo o país, foi pouca quantidade para conseguirmos tirar ilações assertivas e conclusivas, nem tendo recolhido a informação necessária sobre os jovens (apenas o género e a associação a que pertenciam para ter uma ideia por localização). O estudo etnográfico indireto é um método muito ambíguo aos olhos das ciências exatas pois, é algo que depende de deduções e de interpretações do antropólogo que observa.

Com a junção do estudo, concluímos que existem fatores necessários para afirmar que os nossos jovens são vítimas indiretas do terrorismo, mas as limitações dos estudos não permitem que o façamos a 100%. Podemos afirmar que, da amostra estudada (tanto nos questionários, como nas observações) os jovens são vítimas indiretas, mas não podemos afirmar que todos os jovens o sejam.

## 12. CONCLUSÃO

O *medo do crime* é uma sensação bastante referida na atualidade (principalmente no meio académico), que reflete um retraimento ou angústia individual ou coletiva (sensação de ansiedade de se tornar vítima – *anticipation of victimization*), que produz um estado de alerta face a situações que são percebidas como um risco ou perigo iminente e que representem lesões ou perigo de lesões a bens jurídicos importantes, tais como a vida, a integridade física e o património. Esta ansiedade é explicada pela ocorrência de crimes violentos (e.g., homicídios, violações, atos/atentados terroristas), indiscriminados e imprevisíveis (Castro, Filho & Monteiro, 2011).

De acordo com a literatura, vários são os fatores que podem potenciar o *medo do crime*, nomeadamente o residir numa *região violenta*, já ter sido vítima de um crime, a vulnerabilidade, o isolamento social, a desinformação ou a má informação (transmitida pelos meios de comunicação social).

Este medo pode funcionar como agente influenciador, capaz de modificar o comportamento humano, individual e social, principalmente em grupos em situação de maior vulnerabilidade (como é o caso de crianças e adolescentes), e especialmente quando é relativo à possibilidade de ser vitimado por um crime (neste caso em concreto, por um atentado terrorista) (Castro, Filho & Monteiro, 2011).

Para fazer um estudo muito aprofundado sobre este tema, era necessário ter uma amostra significativa de cada parte do país por isso este estudo é limitado e não permite concluir dados que possam ser considerados absolutos.

O trabalho etnográfico indireto permitiu-me perceber principalmente nas observações pós ataques, que o terrorismo está bastante presente no quotidiano e, que é constantemente tema de conversa entre eles. Muitas destas vezes, de forma inconsciente e incorreta pois, a comunicação social e as redes sociais, muitas vezes passam informações excessivas e erradas.

Dos questionários realizados podemos concluir que os jovens são muitas das vezes, vítimas indiretas sem sequer se aperceberem.

Percebemos que quase 70% da amostra sentem medo de serem apanhados no meio de um ato terrorista e sentem que afeta a sua vida e dos seus familiares, mas como já mostramos, 60% afirma não ser vítima secundária do terrorismo. Isto é contraditório, o que se pode concluir é que a palavra “vítima” está constantemente associada aqueles que vivem o atentado na primeira pessoa e não, a pessoas que estão a quilómetros de distância. Mas, o facto de quase 60% da amostra pensar diariamente no terrorismo, mostra que isto não é real. Mostra que o terrorismo está presente na vida destes jovens mesmo sem eles próprios notarem. Como já referimos, apesar de não ser objeto de estudo verificou-se que mais de metade dos jovens (N=129, 53.3%) afirma que um terrorista é um doente mental, que se tornou terrorista porque foi abandonado/raptado em criança (N=69, 28.8%) e que é alguém com baixo poder económico (N=29, 12.1%).

Com o trabalho etnográfico indireto verificamos constantemente a presença do medo e da instabilidade nos dias seguintes aos atentados ocorridos na europa. Verificamos também que a maior parte da comunicação social só faz referência e grande destaque aos atentados ocorridos perto da nossa área territorial e/ou atentados que afetem populações com a mesma base cultural. Isto deve-se essencialmente ao facto de a populações dar credibilidade e ficar mais assustada quando são afetadas com os atentados pessoas que poderiam ser elas próprias ou as suas famílias. Pessoas com os mesmos habitus culturais e, com vida social idêntica. Os atentados que ocorrem na europa vitimizam por exemplo, 20 pessoas e são comentados durante semanas seguidas. Se um mesmo atentado terrorista ocorrer na Síria e vitimizar 100 pessoas, é comentado aproximadamente 2 minutos no noticiário com uma grande probabilidade de não afligir medo nem preocupação a quem o vê.

Podemos concluir que para a amostra dos nossos questionários (N=240) se verifica que os adolescentes são vitimas indiretas do terrorismo e, o trabalho etnográfico vem reforçar ainda mais esses resultados pois, registou-se para o tempo de observação (T=70horas), uma quantidade considerada de jovens que manifestam comportamentos irracionais e espontâneos de quem vive condicionado com o medo de ser apanhado no meio de um atentado. Verifica-se que a quase totalidade da amostra nos questionários (N=239, 99.6%) considera que não é possível acabar com o terrorismo.

O 11 de Setembro foi um verdadeiro impulso para olharmos para o terrorismo com outros olhos, sendo que até a NATO o passou a abordar com um outro olhar tanto do ponto de vista político, militar e mesmo conceptual.

## 12.1. Utilidade, potencialidades e vantagens do estudo

Os estudos e publicações acerca do fenómeno terrorista em Portugal são ainda escassos, possivelmente pelo facto de o nosso país não ter ainda registo da ocorrência de atentados. Uma das vantagens do presente estudo prende-se com a revisão aprofundada da literatura sobre este tipo de crime, proporcionando um melhor conhecimento e entendimento sobre o terrorismo e as motivações terroristas, bem como do impacto que estes crimes têm na população. Isto porque está enraizada na nossa população a crença de que Portugal está fora da rota dos grupos terroristas, não acarretando por isso consequências de maior para os nossos cidadãos.

Pela razão citada anteriormente, é também crença enraizada que a intervenção se deve focar apenas nas vítimas que sobreviveram a atentados terroristas, nas famílias de vítimas desses atentados, ou nos profissionais que estiveram no terreno e contactaram com o cenário e com as vítimas e que desenvolvem perturbações mentais posteriores a estes eventos. Este estudo vem chamar a atenção sobre outro tipo de impacto que o terrorismo pode ter em pessoas que não estiveram diretamente envolvidas neste crime: as que são expostas aos ataques através dos *media* e das notícias e informações por eles transmitida.

Além disso, estudos nacionais sobre o impacto do terrorismo através da antecipação da vitimação (provocada pela forma como os media abordam os atentados ocorridos noutras regiões do globo) são inexistentes, tanto ao nível dos mais jovens, como da população adulta e idosa. Este estudo é por isso pioneiro na sua abordagem e poderá abrir caminho para novos estudos, com outras amostras e outras variáveis em análise, relativas à vitimação secundária.

Acresce que, como tem vindo a ser referido, não tem sido dada a devida atenção ao *medo do crime* e aos seus efeitos individuais e coletivos, pelo que a realização de investigações regulares (de forma semelhante ao que já acontece em países como a Austrália, o Canadá, os EUA e o Reino Unido) deveriam ser implementadas, por forma a serem produzidos dados estatísticos, informações e indicadores, que depois seriam periodicamente divulgados, com a finalidade de procurar determinar não só a real etiologia ou causa do medo, como também as estratégias que podem vir a ser utilizadas para a redução dessa insegurança individual, coletiva ou social (Dantas, Persijn & Silva-Júnior, 2006).

## 12.2. Limitações do estudo e dos resultados obtidos

A maior parte das limitações deste estudo prende-se com questões metodológicas. Primeiro, e apesar do aparente aumento do número de ataques de atentados terroristas, este é um fenómeno relativamente raro e cujos episódios não são totalmente cobertos pelos *media*.

Acresce que o terrorismo é um tipo de crime desafiante devido à existência de poucos dados para análise e da ausência de informação por parte das autoridades competentes. Uma das maiores limitações que encontramos foi, a negatividade colocada à volta deste tema e, quando tratado perto de crianças, os adultos mostraram-se a maior parte das vezes indisponíveis para o abordar.

Outro fator bastante importante foi a faixa etária dos jovens que está relacionado com uma grande ausência de maturidade isto faz com que por vezes, não consigam ainda dar uma resposta muito consciente e seria sobre estes assuntos. O trabalho etnográfico necessita de muito foco e imparcialidade por parte do antropólogo que o realiza e, é um método ainda pouco aceite por parte das outras áreas científicas o que, por vezes faz com que o método etnográfico indireto seja um pouco descreditado.

## 12.3. Sugestões e futuras investigações

Aquando da realização da presente investigação, foi possível constatar que os pais podem limitar o acesso a determinadas atividades de ocupação de tempos livres (e.g., ida a um concerto, ao cinema, a uma viagem para um país que já foi alvo de atentados terroristas), a determinados programas televisivos (e.g., programas noticiosos, filmes ou séries temáticas) ou a determinados *websites*, por receio que os seus filhos se venham a tornar vítimas de terrorismo (no primeiro caso), que sejam expostos a violência indiscriminada (no segundo e terceiro casos), ou em situações mais extremas, que venham a ser recrutados por organizações terroristas (no terceiro caso). Por isso, sugere-se a realização de estudos que avaliem as crenças e atitudes parentais face ao terrorismo e a influência destas no quotidiano dos seus filhos.

É necessário insistir em medidas de contra terrorismo. Entre 2001 e 2004 imediatamente após o 11 de Setembro, foram lançados novos mecanismos de luta contra o terrorismo. Porém, estes esforços foram principalmente reativos, mostrando que existia muito pouca perceção da verdadeira ameaça do terrorismo. É necessário insistir em medidas de contra terrorismo. Entre 2001 e 2004 imediatamente após o 11 de Setembro, foram lançados novos mecanismos de luta contra o terrorismo. Porém, estes esforços foram principalmente reativos, mostrando que existia muito pouca perceção da verdadeira ameaça do terrorismo. Posteriormente entre 2005 e 2009, até ocorrer o atentado em Madrid, a Europa ainda não era identificada como um alvo principal para os terroristas, mas a ocorrência desse ataque



veio mostrar aos europeus a necessidade de fortalecer a colaboração internacional na luta contra o terrorismo. Deste modo, é necessário que existam mais e melhores pesquisas sobre o que o terrorismo é, e, o que pode atenuar esta constante luta pelo poder.

## 13. BIBLIOGRAFIA

- Andrade, M.C. (1992). A 'dignidade penal' e a 'carência de tutela penal' como referência de uma doutrina teleológico-racional do crime. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, 2 (2).
- Avishag, G. (2010). Can terrorism become a scientific discipline? A diagnostic study. *Critical Studies on Terrorism*, 3(3), 437-458.
- Baldomero, E., Cabanas-Arrate, M.L., Pérez-Rodríguez, M.M., Baca-García, E. (2004). Trastornos mentales en las víctimas de atentados terroristas y sus familiares. *Medicina Clínica*, 122, 681-685.
- Bird, G., Blomberg, S.B., & Hess, G.D. (2008). International terrorism: Causes, consequences and cures. *The World Economy*, 31 (2), 255-274.
- Brophy-Baermann, B., & Conybeare, J.A.C. (1994). Retaliating against terrorism: Rational expectations and the optimality of rules versus discretions. *American Journal of Political Science*, 38, 196-210.
- Bruce, G. (2013). Definition of terrorism: Social and political effects. *Journal of Military and Veterans' Health*, 21 (2), 26-30.
- Caiado, R. (2013). *O sentimento de insegurança e a sua interação com a criminalidade*. Dissertação de mestrado não publicada em ciências jurídico-políticas apresentada ao Departamento de Direito da Universidade Autónoma de Lisboa.
- Cardoso, D., & Cardoso, T. (2011). Bioterrorismo: Dados de uma história recente de riscos e incertezas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16 (1), 821-830.
- Carvalho, H. (2016). *Terroristas: Como aderem, como nos olham e como agem entre nós*. Lisboa: Matéria Prima Edições.
- Castro, H.H., Filho, R.M., & Monteiro, V.B. (2011). O sistema de segurança pública e o medo do crime. *Revista Ordem Pública e Defesa Social*, 4 (1 e 2), 91-100.
- Crenshaw, M. (2007). Explaining suicide terrorism: A review essay. *Security Studies*, 16 (1), 133-162.
- Dantas, G.F., Persijn, A., & Silva-Júnior, A.P. (2006). *O medo do crime*. Acedido em 13 de julho de 2017 em [http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20\(60\).pdf](http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20(60).pdf)
- Devine, P.E., & Rafalko, R.J. (1982). On terror. *Annals of the American Academy of Political & Social Science*, 463, 39-53.
- Ferreira, P.M. (1997). *Vitimação juvenil*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.
- Foa, E.B., Cahill, S.P., Boscarino, J.A., Hobfoll, S.E., Lahad, M., McNally, R.J., & Solomon, Z. (2005). Social, psychological, and psychiatric interventions following terrorist attacks: Recommendations for practice and research. *Neuropsychopharmacology*, 30, 1806-1817.
- Friedland, N., & Merari, A. (1985). The psychological impact of terrorism: A double-edged sword. *Political Psychology*, 6, 591-604.

- García-Vera, M.P., & Sanz, J. (2010). *Post-traumatic stress disorder following terrorist attacks: A review*.  
Manuscrito bajo revisión editorial.
- Harzenski, S. (2003). Terrorism, a history: Stage one. *Journal of Transnational Law and Policy*, 12 (2), 137-196.
- Hubbard, D. (1978). Terrorism and protest. *Legal Medical Quarterly*, 2 (3), 188-197.
- Newman, E. (2006). Exploring the “root causes” of terrorism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 29 (8), 749-772.
- Post, J. (1984). Notes on a psychodynamic theory of terrorist behaviour. *Terrorism: An International Journal*, 7 (3), 241-256.
- Saper, B. (1988). On learning terrorism. *Terrorism*, 11, 13-27.
- Schmid, A., & Jongman, A. (1988). *Political terrorism: A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, and literature*. Amsterdam: North Holland, Transaction Books.
- Sinai, J. (2008). How to define terrorism. *Perspectives on Terrorism*, 2 (4).